



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EDUARDO HENRIQUE BARBOSA DE ALMEIDA

O LITERÁRIO E NOTICIOSO ESTUDANTIL:

Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950

PICOS-PI

2013

EDUARDO HENRIQUE BARBOSA DE ALMEIDA

O LITERÁRIO E NOTICIOSO ESTUDANTIL:

Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof^a. Ms. Marylu Alves de Oliveira

Eu, **Eduardo Henrique Barbosa de Almeida**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 23 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

A447I Almeida, Eduardo Henrique Barbosa de.
O literário e noticioso estudantil: Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950 / Eduardo Henrique Barbosa de Almeida. – 2013.
CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (80p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Profª. Ms. Marylu Alves de Oliveira.

1. Discurso. 2. Flâmula. 3. Mocidade Estudantil. 4. Representações. 5. Valores. I. Título.

CDD 981.812 22

EDUARDO HENRIQUE BARBOSA DE ALMEIDA

O LITERÁRIO E NOTICIOSO ESTUDANTIL:

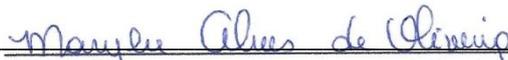
Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

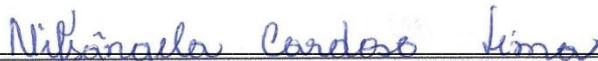
Orientador(a): Prof^ª. Ms. Marylu Alves de Oliveira

Aprovada em: 16 / 04 / 2013

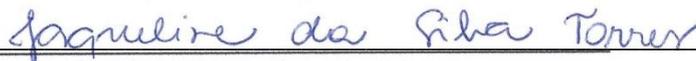
BANCA EXAMINADORA



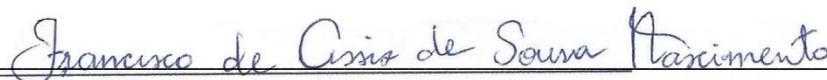
Prof^ª. Ms. Marylu Alves de Oliveira
Orientadora



Prof^ª. Ms. Nilsângela Cardoso Lima
Examinadora Interna



Prof^ª. Ms. Jaqueline da Silva Torres
Examinadora Externa



Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Suplente

À Deus, por sua generosidade, conhecimento e momentos bons à mim proporcionados.
Aos meus pais, José Manoel e Maria Luzirene, pelo apoio incondicional, incentivo, amor e carinho que sempre me dedicaram.

AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa caminhada, não poderia deixar de agradecer às pessoas que sempre estiverem do meu lado, me incentivando com amor e carinho.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, José Manoel e Maria Luzirene, que foram a base de toda a minha trajetória de vida e acadêmica, pelo amor, carinho, orientação, me proporcionando momentos felizes e sempre estarão presentes em minha vida.

Às minhas irmãs, Dinamene e Dinaiane, pelo apoio, amor, carinho e paciência que sempre têm comigo.

Ao meu primo, Flávio, pela amizade e companheirismo.

Às minhas avós, materna e paterna, pelo exemplo de mulher que são, sempre me incentivando nas minhas escolhas e a ter fé.

Aos demais familiares, pelo incentivo e apoio.

À minha orientadora, Marylu Alves de Oliveira, pelos conselhos, orientações, apoio, incentivo e paciência que teve comigo, me estimulando a conseguir meus objetivos.

Ao professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento, pelo amigo incondicional que és, companheiro e conselheiro de todas horas, sempre a disposição quando necessito de sua ajuda.

Aos demais professores da graduação, em especial à prof^a. Nilsângela Lima, prof. Gleison Monteiro e prof. José Lins, pela amizade e companheirismo e, principalmente, pelo conhecimento comigo compartilhado durante esta trajetória de minha vida.

Ao meu melhor amigo, de longa data, Francisco José da Silva, que considero como um irmão, pelo apoio, companheirismo, incentivo e conselhos dados, sempre estando ao meu lado nos momentos bons e ruins de minha vida.

À Kelly Márcia, minha amada, pelo incentivo, amor, carinho e companheirismo incondicionais a mim dedicados, estando sempre ao meu lado para me apoiar em todos os momentos. Agradeço muito por ter entrado em minha vida.

Ao meu grande amigo Jaelson Roniel Rodrigues Virgolino, valiosa amizade que esta graduação me proporcionou, pelo companheirismo, incentivo e apreço a mim dados, sempre me apoiando nos momentos bons e ruins desta minha trajetória, indivíduo de caráter singular, a quem muito considero.

Ao meu grande amigo José Waldir de Sousa Moura Júnior, pela amizade, apoio, companheirismo e incentivo que foram importantes durante este percurso de minha vida.

Aos amigos de graduação, em especial a Bruno, Joyce, Marília, Ceane, Ricardo, Diego, Jailson Dias, Millena, Raila, Kledison, Bismarck, Jaqueline, Marciane, Elieny, Ana Paula, Jailson Isidório, Layrton, Haroldo, Ítala, Maura, Ivanete, Higo Meneses pela amizade e companheirismo.

Aos amigos Samairkon Alves, Aylla Mara, Layane Alencar, Saulo Sousa, Elierson Moura pela amizade formada durante minha trajetória educacional.

À Gracivalda Albano, pela amizade e apoio de todas as horas.

Ao Museu Ozildo Albano, na pessoa do Sr. José Albano, pela cordialidade que me recebeu e prestação de informações valiosas que serviram de estudo para este trabalho.

Aos entrevistados: Dagoberto de Araújo Rocha, Maria Aldery Leopoldo Albano Duarte e Douglas Moura Nunes pelas informações a mim concedidas, que foram muito importantes para a construção deste trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram na minha vida tanto familiar como acadêmica. O meu muito Obrigado!

“A sociedade e cada meio social particular determinam o ideal que a educação realiza”.

Émile Durkheim

RESUMO

O jornal *Flâmula* foi um espaço de comunicação produzido por estudantes, professores e colaboradores que estavam relacionados direta ou indiretamente com o Ginásio Estadual Picoense na década de 1950. A sua ação tinha como objetivo incentivar a mocidade estudantil à dedicação aos estudos e tratar sobre questões próximas à realidade dos indivíduos que pertenciam àquele espaço social, a cidade de Picos. Este trabalho buscou analisar as representações, através da análise dos discursos proferidos no periódico, sobre diversas temáticas que o literário e noticioso estudantil veiculava na sociedade picoense daquele período. A partir da contribuição do conceito de representação de Roger Chartier e de Análise de Discurso apresentado por Eni Orlandi Pulcinelli, foram analisadas matérias de *Flâmula* buscando-se entender os ideais de valor presentes nos discursos proferidos pelos articulistas do jornal e a maneira que estes poderiam ser apropriados pelos seus leitores, influenciando-os nos seus modos de agir e pensar.

Palavras-chave: Discurso. Flâmula. Mocidade Estudantil. Representações. Valores.

ABSTRACT

The newspaper *Flâmula* was a communication space produced by students, faculty and staff who were directly or indirectly related to the State Gymnasium of Picos in the 1950s. Their action was intended to encourage the youth to student dedication to study and treat issues close to the reality of individuals belonging to that social space, the city of Picos. This study aimed to analyze the representations, through analysis of the periodic speeches on various topics that the literary and news scholar conveyed in society of Picos that period. From the contribution of the concept of representation of Roger Chartier and Discourse Analysis presented by Eni Orlandi Pulcinelli were analyzed columns of *Flâmula* seeking to understand the value of these ideals in speeches made by newspaper columnists and the way that these could be appropriate by its readers, influencing them in their modes of acting and thinking.

Keywords: Discourse. Flâmula. Youth Campus. Representations. Values.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Temas abordados pelo jornal <i>Flâmula</i> nas edições 1 a 14	36
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O SURGIMENTO DE UMA PEQUENA CHAMA	18
1.1 A criação do primeiro ginásio de Picos	19
1.2 O surgimento do Grêmio Literário Da Costa e Silva	24
1.3 A imprensa estudantil: Flâmula	27
2 “FLÂMULA: Órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva do Ginásio Estadual Picoense”	31
2.1 O perfil do jornal <i>Flâmula</i>	33
2.2 Flâmula e suas variáveis temáticas representacionais	37
2.2.1 <i>Os valores educacionais</i>	37
2.2.2 <i>Os valores políticos</i>	48
2.2.3 <i>Os valores e deveres sociais</i>	50
3 COLUNA MEU CANTINHO: Alberto Nunes e as representações sobre os valores sociais em <i>Flâmula</i>	59
3.1 A coluna <i>Meu Cantinho</i>	59
3.2 O fim da coluna <i>Meu Cantinho</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	79

INTRODUÇÃO

O jornal é um veículo de comunicação que está presente no cotidiano dos indivíduos e tem por função informar aos seus leitores sobre os fatos e acontecimentos que ocorrem na sociedade. Várias são as temáticas que podem ser trabalhadas em suas páginas, como a política, a cultural, a econômica, a religiosa, entre outras, evidenciando-se como um recurso informativo que pode contribuir na formação e constituição de opiniões.

O meu interesse por este tema surgiu de conversas com professores e de leituras sobre a imprensa como meio de se entender os aspectos sociais e as formas de representação de uma sociedade em um dado tempo histórico. Tendo isto em vista, e associando à leitura do livro *Picos: os verdes anos 50*, de Renato Duarte, procurei por jornais que circularam e que foram produzidos em Picos na década de 1950, para tentar compreender a imagem que Duarte avivava da cidade nesse período, como um momento de diversas mudanças: físicas, sociais, comportamentais etc. Sabia-se, a partir da obra de Duarte, da existência e circulação de quatro periódicos na sociedade picoense daquele instante: *A Ordem*, *Flâmula*, *Folha Circula* e *A Gazeta*, e que teriam exemplares no Museu Ozildo Albano, localizado na Praça Josino Ferreira, Centro, Picos-PI. Inicialmente, a minha intenção era trabalhar a forma como esses quatro jornais buscavam representar a cidade de Picos em suas múltiplas facetas a partir de seus discursos. Mas, visto a escassez e o número reduzido de exemplares destes jornais, a pesquisa reteve-se a trabalhar o jornal *Flâmula*, por ter sido o periódico com mais edições encontradas e disponíveis para digitalização, foram encontrados deste noticioso um número de 13 edições. O jornal era pertencente ao Grêmio Literário Da Costa e Silva, órgão do Ginásio Estadual Picoense, instituição de ensino secundário de Picos criada em 1950, com o objetivo de dar continuidade aos estudos aos jovens picoenses.

Definido o jornal a ser trabalhado, fez-se a leitura e o fichamento das matérias publicadas no referido periódico, onde surgiram alguns questionamentos: Que condições históricas permitiram o surgimento do jornal? A que instituição ele estava relacionado? Qual era o seu objetivo? A que público era destinado? Todos tinham acesso? Quais eram os locais de sua circulação? Quem eram os seus colaboradores? Qual era o ideal que o jornal queria repassar para a sociedade picoense e como se dava essa representação através de seu discurso?

Com o propósito de responder às problemáticas anteriores, foi estabelecido um conjunto de fontes composto por matérias, artigos, crônicas, poesias, notas sociais, cartas, propagandas e anúncios que formavam todo o corpo documental do jornal *Flâmula*. Além do

livro de Renato Duarte, edições da Revista *Foco* - de publicação mais recente, anos 2001 e 2006 -, que possuem matérias que retratam sobre a década de 1950, foram utilizadas como fonte para se buscar apreender a época histórica em que surgiu o jornal aqui em estudo. Além disso, recorreremos à metodologia da história oral¹ para tentarmos entender os ideais dos sujeitos históricos que fizeram parte daquele momento e que estavam associados ao jornal *Flâmula* e ao Ginásio Estadual Picoense. Foram entrevistados os ex-alunos do Ginásio: Dagoberto de Araújo Rocha e Maria Aldery Leopoldo Albano Duarte, e Douglas Moura Nunes, filho de Alberto de Deus Nunes, inspetor de ensino da referida instituição.

A elaboração do roteiro das entrevistas foi feito com base na pesquisa das fontes bibliográficas, nas fontes primárias e nas informações colhidas em um primeiro contato com os entrevistados. Depois de feitas as entrevistas, ocorreu o processo de transcrição para que se pudesse melhor analisá-las.

O recorte temporal da pesquisa abrange o período de fins da década de 1940 e início dos anos 1950. Este corte se justifica por duas razões: 1) foi em fins da década de 1940 que aconteceu o processo de divergências políticas em torno da aprovação da lei que autorizava a criação do Ginásio Estadual Picoense, em virtude das desavenças entre políticos pedessistas ao governo de Rocha Furtado, que era udenista; e 2) por serem os anos de 1952 e 1953 o espaço de tempo entre as publicações de nº 1 a 14 (exceção a número 13, que não estava disponível no museu) do jornal *Flâmula*, que datam a 1ª edição de 15 de março de 1952 e a de número 14 de 18 de janeiro de 1953, sobre as quais foram feitas as análises acerca das representações sociais produzidas neste periódico.

Como suporte teórico para a produção deste estudo, o conceito de representação² apresentado por Roger Chartier foi contributivo para análise do material do jornal *Flâmula*, pois foi a partir desta definição que se teve margem para entender de que forma o periódico estudantil buscava se expressar e apresentar uma imagem acerca de seu ideal sobre os diversos tipos de valores para a sociedade picoense. Assim, foi a partir da apreensão das percepções do social que os articulistas do referido jornal buscavam apresentar sobre o campo material, que se procurou entender a maneira que seus discursos tentavam legitimar práticas de comportamento aos indivíduos pertencentes à cidade de Picos daquele período, ou seja,

¹ FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Lisboa: Difel, 1990.

“compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”³.

Neste sentido, para tentar, pelo menos em nível discursivo, compreender como *Flâmula* construía suas representações neste periódico, a Análise de Discurso francesa⁴ apresentada por Eni Pulcinelli Orlandi, vem a nos auxiliar a entender a maneira como as matérias e artigos do referido periódico produziam construções ideológicas que orientavam para uma compreensão de mundo, ou como aponta Chartier, como é possível, a partir da análise da constituição destas representações, entrar no coração de uma época, mesmo sabendo das barreiras que impedem esta possibilidade⁵, uma vez que esta época não existe mais. Mesmo assim, a análise de discurso “problematiza a atribuição de sentido(s) ao texto, procurando mostrar tanto a materialidade do sentido como os processos de constituição do sujeito, que instituem o funcionamento discursivo de qualquer texto”⁶. A análise de discurso vem ajudar a entender como a formação dos indivíduos ligados a *Flâmula* interferiam diretamente na sua produção, buscando repassar uma idealização, proveniente de seu processo constitutivo, aos leitores de suas matérias, pretendendo enfatizar representações aceitas de mundo social e que normalmente estavam ligadas a uma elite, que, neste caso, era a intelectual.

Além disso, a análise de discurso aqui trabalhada evidenciou entender as práticas de elaboração textual dos articulistas do jornal estudantil às suas condições sociais de produção, pois, como colocado por Milton José Pinto, a partir da análise de Louis Althusser, os discursos são definidos “como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são parte constitutiva daquele contexto”⁷. Desta forma, a ideologia dos cronistas do jornal marcava presença na sua escrita e buscava influenciar o leitor de *Flâmula*, pois, conforme Chartier, “[...] o trabalho histórico deve ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados”⁸.

Com base nisso, e à luz do conceito de representação de Chartier, procuramos entender a maneira que as matérias de *Flâmula* estavam organizadas para serem entendidas

³ CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 17.

⁴ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.

⁵ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

⁶ ORLANDI, Eni Pulcinelli. Op. cit. p. 13.

⁷ PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 21.

⁸ CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 131.

pela mocidade estudantil e sociedade letrada picoense, de acordo com o ideal de valores sociais proposto por seus articuladores.

No que tange ainda a questão metodológica, história oral, segundo Lucilia de Almeida Neves Delgado nos expõe conceitos e metodologias que foram úteis para a análise das entrevistas, utilizando-as como fonte que contribuíram para um cruzamento de análise com os escritos do jornal *Flâmula*, pois, como coloca Delgado,

O ponto comum que inscreve as referidas produções de documentos no campo da história oral encontra-se no fato de fazerem da memória e da narrativa elementos centrais para a reconstituição de épocas e acontecimentos que tiveram importância para a vida de comunidades, instituições e movimentos aos quais os depoentes estiveram ou ainda estão vinculados.⁹

Vale salientar também o auxílio da História Cultural, que veio dar margem para novos tipos de pesquisa na área de História, onde se passa a valorizar também outras fontes, então, esquecidas pela história tradicional, como é abordado por Sandra Jatahy Pesavento, ao relatar que a História Cultural possibilitou

[...] a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes. Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não-visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas.¹⁰

Assim, pensar o jornal *Flâmula* como objeto de reflexão historiográfico, fundamenta-se em entender: a) qual era o papel do jornal; b) como os seus articuladores embasavam os seus ideais de valor e de representação social; c) as formas de expressão e linguagem do jornal, como poesias, prosas, narrativas, articulando-as aos ideais representativos do jornal e a forma de apreensão pelos seus leitores. Em termos de reflexão historiográfica, *Flâmula* abordou, sobretudo, as formas de pensamento educacional, cultural e social para a cidade de Picos da década de 1950, evidenciando-se como um espaço veiculador de ideias e de debate sobre assuntos que tinham uma relevância social, visando trazer os picoenses junto ao seu modelo de concepção social.

⁹ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 21.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 69.

O estudo organiza-se em três capítulos. No primeiro capítulo, *O surgimento de uma pequena chama*, é feita uma historicização sobre o processo de surgimento do jornal *Flâmula*, abordando, em tópicos, como ocorreu a fundação do Ginásio Estadual Picoense, do Grêmio Literário Da Costa e Silva e, por fim, a criação do jornal. O primeiro tópico apresenta o processo de criação do Ginásio de Picos, onde é destacada a dificuldade dos jovens picoenses em continuar os seus estudos, tendo em vista a inexistência de um estabelecimento de ensino secundário na cidade, sendo, muitas vezes, obrigados a se deslocarem para outras, como Floriano e Teresina, para cursar este nível de ensino; os embates políticos entre pedessistas e udenistas acerca da criação do Ginásio em Picos, durante o mandato do então prefeito de Picos, Celso Eulálio; e, por último, a criação do referido estabelecimento de ensino, onde o governador do Estado, Rocha Furtado, se pronunciou destacando a instituição como importante para a continuação dos estudos dos jovens picoenses. O segundo tópico aborda sobre o exame de admissão, sobre a criação do Grêmio Literário Da Costa e Silva, a eleição dos componentes, e as formas de atuação do grêmio estudantil no ginásio e na sociedade picoense. O terceiro e último tópico, expõe sobre o ideal de instrução do jornal; as etapas e eventos realizados pelo grêmio estudantil com vistas a adquirir fundos para a compra da tipografia; a instalação e inauguração da tipografia e do jornal; e a relevância de *Flâmula* para uma sociedade que possuía a maior parte de sua população constituída por analfabetos, representando, assim, a circulação de textos, como parte do processo educativo, um ideal a ser seguido pelos jovens estudantes picoenses.

No segundo capítulo, “*FLÂMULA: Órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva do Ginásio Estadual Picoense*”, destacamos como estava organizado o jornal e analisamos algumas das variáveis temáticas publicadas a partir do conceito de representação de Chartier, utilizando-se, para isso, também da análise de discurso. No tópico, que trata sobre o perfil do jornal, é apresentado a organização estrutural de *Flâmula*, suas páginas, em número de 4, o arranjo das matérias neste espaço e o período de publicação do jornal; são destacados alguns de seus patrocinadores, evidenciando sua função de rentabilidade e divulgação do periódico, os idealizadores, componentes e colaboradores do jornal e uma descrição sobre as temáticas trabalhadas pelos articuladores. No segundo tópico, que se subdivide em mais três, selecionamos algumas temáticas, umas em virtude de serem apresentadas em maior frequência pelo jornal, para que, a partir delas, possamos apreender as representações sobre a realidade social que os cronistas queriam repassar para a sociedade picoense. No primeiro subtópico, que retrata sobre os valores educacionais, procuramos evidenciar qual era o ideal de educação e os valores que os articulistas e colaboradores do jornal queriam ressaltar nos

jovens picoenses, tendo em vista a criação recente de uma instituição de ensino secundário na cidade de Picos. Esses ideais estavam normalmente associados a valores patrióticos, com vistas ao desenvolvimento da nação, e a concepção de um caráter culto, característico de uma sociedade civilizada, ao incidir, assim, na criação de uma imagem de “bom estudante” e valorizando a ação do professor como formador de indivíduos. No segundo subtópico, que aborda sobre os valores políticos, é evidenciado sobre o ideal de ação política que os articulistas de *Flâmula* queriam ressaltar; a crítica à corrupção e aos atos autoritários pertencentes a alguns representantes políticos do país são vistos como atos negativos que deveriam ser combatidos; a ação política, assim, estava associada aos valores humanísticos dos integrantes do jornal, e era sobre essas virtudes que *Flâmula* buscava repassar aos jovens picoenses. No terceiro e último subtópico, analisamos algumas das outras temáticas abordadas pelo periódico, como a seca, o trabalho, a religião, as questões filosóficas, as questões de gênero, e de que forma as representações criadas sobre esses temas procuravam criar um padrão de ação de conduta e comportamento nos leitores de *Flâmula*, padrões estes representativos da família tradicional.

No terceiro capítulo, *COLUNA MEU CANTINHO: Alberto Nunes e as representações sobre os valores sociais em Flâmula*, apresentamos como a imagem do inspetor do Ginásio, Alberto de Deus Nunes, a partir da análise de seus escritos na coluna *Meu Cantinho*, poderia ser tida como elemento representativo do ideal do jornal e como exemplo aos estudantes do Ginásio Estadual Picoense. No primeiro tópico, algumas de suas publicações na coluna foram analisadas com vistas a entender a sua representação social sobre diversos temas e como a sua formação pessoal estava presente em seus textos. O segundo e último tópico, relata sobre um acontecimento social, o enterro simbólico do inspetor pelos estudantes do Ginásio, devido a não assinatura dos boletins dos alunos por Alberto Nunes, o que acarretou no fim da coluna *Meu cantinho* e a ida de Alberto Nunes para São Simão, São Paulo.

É a partir da análise das representações que o jornal *Flâmula* buscou construir para a sociedade picoense da década de 1950, com suas diversas temáticas, e os seus sujeitos históricos relacionados ao jornal, que esperamos que este estudo venha a contribuir para um melhor entendimento sobre Picos e o seu espaço intelectual e social.

1 O SURGIMENTO DE UMA PEQUENA CHAMA

O jornal *Flâmula* foi um espaço de produção estudantil surgido na cidade de Picos na década de 1950. O seu nascimento se deu através da luta de uma mocidade¹ picoense e do incentivo do professor José Vidal de Freitas² na criação de um espaço de comunicação e veiculação dos ideais e discursos estudantis proferidos no Ginásio Estadual Picoense. Seu principal objetivo era realçar a importância da leitura, do estudo, da honra, da cultura e demais valores característicos da época - virtudes estas inexistentes, segundo o corpo editorial, na alma do jovem picoense dos verdes anos cinquenta³ e que deveriam ser inerentes a seus corpos juvenis, “perene de puros sentimentos” –, visando constituir na identidade dessa mocidade, principalmente a estudantil, uma juventude atuante que participasse ativamente das questões que envolviam a sociedade da qual faziam parte.

O estudo sobre o processo de construção e criação do Ginásio Estadual Picoense, em sua historicidade, nos ajuda a entender a maneira como os discursos produzidos no jornal *Flâmula*, visavam criar uma representação⁴ social e coletiva, apresentando-se enquanto instituição⁵, ou seja, tentaremos compreender de que forma as práticas discursivas do jornal estavam ligadas com a instituição de ensino, mas não ficando restrito a um lugar de fala institucionalizada. Desta maneira, como aborda Bethania Mariani, é necessário “percorrer a historicidade constitutiva da formação de uma instituição para melhor compreender sua produção discursiva”⁶.

O jornal *Flâmula* funcionava de forma independente, não recebia verbas da Prefeitura de Picos ou patrocínio de empresas para a manutenção e mantimento de sua tipografia. A gráfica foi comprada com recursos próprios através da promoção de eventos com fins para arrecadação de verbas, tais como: eleição de rainha dos estudantes e apresentações teatrais.

¹ Entende-se por mocidade os jovens que viviam na cidade de Picos na década de 1950, não somente estudantes do Ginásio Estadual Picoense, e que estavam no auge da idade e da criatividade intelectual.

² José Vidal de Freitas nasceu em Oeiras (PI), em 1901 e faleceu em Teresina, em 1987. Formou-se pela Faculdade de Direito de Recife. Começando como aprendiz de tipógrafo, chegou a jornalista e professor do Ginásio Pernambucano, em Recife. Juiz em várias comarcas do interior do Piauí, por fim, na capital, foi desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí. Aposentou-se em 1971. Membro da Academia Piauiense de Letras. Ver: <http://www.tjpi.jus.br/site/modules/htmlcontent/Page.desembargador.mtw?id=128>.

³ Designação utilizada por Renato Duarte em seu livro, *Picos: os verdes anos cinquenta*, para caracterizar o grande afloramento cultural, político, econômico e social da cidade de Picos-PI na década de 1950.

⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Lisboa: Difel, 1990.

⁵ MARIANI, Bethania. A eficácia da imprensa sobre o político. In: _____. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

⁶ Idem, p. 70.

Com a tipografia comprada, era hora de colocar as ideias em prática. Assim, a edição número 1 de *Flâmula* saiu em 15 de março de 1952. Dia em que os desejos de uma mocidade, aspirante a grandes frutos provindos de sua dedicação ao estudo, começavam a brotar. Mas, antes de destacarmos a escrita destes estudantes neste espaço de comunicação, no jornal *Flâmula*, é preciso ressaltar a criação de duas instituições que foram predecessores desse acontecimento, que são: a criação do Ginásio Estadual Picoense e o Grêmio Literário Da Costa e Silva.

1.1 A criação do primeiro ginásio⁷ de Picos

O Ginásio Estadual Picoense, atualmente conhecido como Unidade Escolar Marcos Parente, foi uma instituição estudantil fundada na cidade de Picos nos anos de 1950. A lei que autorizava a sua criação, aprovada em 1949, foi muito comemorada pela sociedade local, pois quem desejasse continuar os estudos precisaria se deslocar para a capital piauiense, Teresina, ou ir para outros Estados; a viagem era muito cansativa e dispendiosa; somente as famílias abastadas da cidade tinham condições de enviar seus filhos para continuar os estudos em cidades que possuíam o ensino secundário. As cidades normalmente escolhidas eram Teresina ou Floriano – juntamente com Parnaíba, eram as únicas cidades do Piauí que possuíam ginásio até 1950 –, devido à proximidade; e Crato, no Ceará, como destaca Oscar Eulálio em entrevista cedida à pesquisadora Jane Bezerra de Sousa⁸:

Daqui foram colegas fazer o curso em Teresina no ginásio, fomos a cavalo, viagem que durou 27 dias. Descansávamos debaixo de uma tenda feita de couro de boi onde armávamos as redes uma ao lado da outra. Levávamos requeijão, rapadura, bode, carne de gado. Certa vez, tivemos que esperar oito dias, pois o rio estava cheio e não tinha como passar. Passamos o mês de dezembro viajando saindo daqui dia 03 e chegamos lá dia 27 de dezembro de 1943.

Percebe-se, então, que somente os alunos provenientes da classe mais abastadas da sociedade picoense poderiam continuar seus estudos, vindo a assumir, futuramente, os principais cargos públicos e administrativos da cidade.

⁷ O termo ginásio aqui utilizado refere-se ao primeiro ciclo do ensino secundário, que tinha a duração de quatro anos e destinava-se a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário. Hoje corresponde aos atuais 6º, 7º, 8º e 9º do Ensino Fundamental II.

⁸ SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 158f.. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2005, p 86.

Antes da criação do Ginásio Estadual Picoense, a cidade de Picos só possuía três estabelecimentos de ensino, que eram: o Grupo Escolar Coelho Rodrigues (fundado em 1928), a Escola Municipal Landri Sales (criada em 1935) e o Instituto Monsenhor Hipólito (inaugurado em 1943). Além deles, existiam pequenas escolas particulares pertencentes às professoras que ajudaram a formar várias gerações de membros das famílias picoenses⁹. Era esse o cenário educacional picoense no final da década de 1940 e início de 1950.

A vontade dos estudantes egressos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues de continuar os estudos, visando ter uma maior ascensão e prestígio na sociedade, fez surgir a necessidade de criação de um ginásio na cidade, pois, o caminho para a universidade passava por esta formação. Além disso, como destaca Sousa,

A procura pelo ensino secundário na região se deu em função também das modificações que vinham ocorrendo no país desde 1930, com o crescimento da população, o deslocamento da população rural para as zonas urbanas e as exigências de maior escolarização devido ao crescente processo de urbanização.¹⁰

Analisando o contexto educacional de Picos, surge um questionamento: quais os motivos desse atraso na construção do Ginásio de Picos em relação às cidades do Piauí que já possuíam escolas com este nível de ensino, como Teresina, Parnaíba ou Floriano? Uma das explicações se dá ao fato de que Picos era isolada economicamente dos demais centros do Estado, pois não possuía ainda uma rede de estradas ou rodovias que pudesse facilitar o deslocamento de bens e pessoas entre os principais centros econômicos do Piauí e do Nordeste, como mostra a Revista Foco:

Por ser percorrida por três rios de vazão irregular, ela não tinha acesso permanente ao eixo econômico do Piauí, no caso o rio Parnaíba. Só a partir de 1953, é que a região foi realmente ligada aos grandes mercados nordestinos através da estrada federal.¹¹

Assim, percebe-se que a presença do ginásio nestas cidades, no Estado do Piauí, era sinônimo de progresso e status econômico, pois, normalmente, estavam presentes em cidades que já possuíam centro populacionais urbanos, já com certo nível de desenvolvimento, e,

⁹ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos 50*. 2 ed. Gráfica Ed. Nordeste, 1995, p. 61.

¹⁰ SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 89.

¹¹ Crescimento Demográfico. *Revista Foco*: Edição Comemorativa: 111 anos Picos, nossa história. Picos (PI), 2001, p.8.

nesse período, a presença de um Ginásio era também o que distinguia Teresina, Parnaíba e Floriano como cidades de destaque no Estado¹².

A criação do Ginásio de Picos ocorreu na administração do prefeito Celso Eulálio¹³. Segundo Dagoberto Rocha¹⁴, o então prefeito de Picos havia perguntado ao juiz José Vidal de Freitas como ele poderia marcar a sua administração na cidade. A resposta veio em seguida: “crie um ginásio em Picos”¹⁵. Assim, seguindo o conselho de Vidal de Freitas, Celso Eulálio vai a Teresina com o objetivo de criar um ginásio para a mocidade picoense. Essa passagem pela capital foi relatada em matéria do jornal *O Piauí*, de 1949:

GINÁSIO PICOENSE SUA PRÓXIMA INSTALAÇÃO

O povo picoense, tendo a frente o dinâmico Celso Eulálio, está vivamente empenhado no louvável propósito de levar a efeito no princípio do ano vindouro a instalação do Ginásio Picoense, aspiração máxima daquele grande povo. Para isso quando da estadia do ilustre chefe do executivo municipal picoense nesta capital foi lavrado um acordo entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Picos, transferindo o Governo Estadual àquela Prefeitura de acordo com o que estabelece a constituição estadual os poderes que lhes foram conferidos para criação e instalação daquele estabelecimento de ensino secundário, na terra de Coelho Rodrigues por não estar em condições de fazê-lo no momento¹⁶.

Esta matéria do jornal *O Piauí*¹⁷ destacava o ânimo do povo picoense na visita do prefeito de Picos à capital, Teresina, onde ele buscava conseguir, junto ao Governador do Estado, condições necessárias para a implantação do Ginásio. Percebe-se que o governador José da Rocha Furtado¹⁸ apenas transfere à Prefeitura Municipal de Picos os poderes necessários para a criação e instalação do ginásio, não conferindo recursos, devido às condições financeiras que se encontrava a administração estadual, alegando falta de verbas.

Segundo José Olímpio, a explicação para que não houvesse apoio financeiro do governo do Estado na implantação do ginásio se dava ao fato de que:

¹² SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 90.

¹³ Prefeito municipal, udenista, no período de 1948 a 1951.

¹⁴ Dagoberto de Araújo Rocha, nasceu em Picos-PI, foi aluno da primeira turma do Ginásio Estadual Picoense, e atuou como Tesoureiro do Grêmio Literário Da Costa e Silva e como Redator do jornal *Flâmula*.

¹⁵ ROCHA, Dagoberto de Araújo. *Entrevista* concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida em 12 de agosto de 2012.

¹⁶ Ginásio Picoense sua próxima instalação. *O Piauí*. 1949 apud SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 91.

¹⁷ Jornal fundado em 1946 em Teresina-PI e era órgão do partido udenista.

¹⁸ Nasceu em União, em 24 de fevereiro de 1909. Formou-se em Medicina em 1932 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, concorreu as eleições de governador do estado do Piauí de 1947 pela UDN, sendo eleito e assumindo o cargo em 28 de abril de 1947.

Essa situação era fruto da intransigência da maioria dos deputados, de filiação pedessista, que fazia oposição a Rocha Furtado e relutava em aprovar qualquer suplementação de verba para o Departamento de Educação, enquanto o governo não atualizasse o pagamento de seus subsídios, em atraso há algum tempo.¹⁹

O prefeito Celso Eulálio era udenista, e a sua vontade em implantar o ginásio em Picos causou brigas políticas entre as lideranças dos partidos da UDN e PSD na cidade de Picos. Segundo Dagoberto Rocha,

A política foi tão violenta, tão cheia de altos e baixos, que os dois deputados de Picos, Alberto Monteiro e Dr. João de Moura Santos, votaram contra a criação do ginásio em Picos. Pra você vê o que era a política. Contra a criação! Que eles queriam o ginásio, mas quando eles tivessem mandando. Mas o ginásio foi criado mesmo na marra mesmo.²⁰

A criação de uma instituição de ensino secundário em Picos seria um feito que destacaria a administração pública local, o que atrairia muitos votos nas próximas eleições. As ações dos deputados Alberto Monteiro e João de Moura Santos, ambos do PSD, em votarem contra a criação do ginásio na Assembleia Legislativa, foi no intuito de evitar que tal acontecimento favorecesse politicamente os deputados Antenor Neiva e Hélio das Chagas Leitão²¹, que eram correligionários da UDN. Estes eram os quatro representantes picoenses na Assembleia Legislativa do Piauí.

No jornal *O Piauí*, de 1950, é publicado uma matéria do deputado Hélio das Chagas Leitão, onde confere entrevista sobre os acontecimentos relacionados à criação do Ginásio de Picos.

Já foi dada a autorização pelo Ministério da Educação para realização dos exames de admissão que se realizarão nos dias 06 e 07 de março vindouro. Com esse grande empreendimento o povo da minha terra vê coroado de êxito o seu velho sonho. No começo advertido por amigos de que certos elementos trabalhavam contra o Ginásio não queria acreditar, confesso pois não costumo atribuir aos outros aquilo que em qualquer circunstância jamais faria. Os fatos, contudo se encarregaram das provas. Senão, vejamos: - quando saiu uma comissão formada de elementos de destaque na sociedade local (udenistas e pedessista), angariando contribuições para o ginásio, somente não contribuíram na cidade o chefe pedessista Chico Santos, seus filhos João de Moura (deputado) e Valdemar Santos (candidato ao PSD a

¹⁹ OLÍMPIO, José. 1993 apud SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 92.

²⁰ ROCHA, Dagoberto de. *Entrevista* concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida em 12 de agosto de 2012.

²¹ Deputado pela UDN em 1946. Foi aluno do Felisberto de Carvalho, em Picos (PI). Nasceu em 08 de agosto de 1914. Faleceu em 28 de setembro de 1976.

Prefeito, derrotado nas últimas eleições e seu genro Hercílio Rocha (gerente do Banco do Brasil). Com exceção destes cidadãos, os demais membros da comuna picoense contribuíram e deram o seu apelo metal [sic]. Mas não ficou só nisso, eles próprios se encarregaram de comprovar que era verdade o que se dizia a boca pequena, tanto assim que quando recebemos a notícia de que o ministério havia dado a autorização para o exame de admissão, houve uma festa de regozijo da população sem distinção política. Só não compareceram esses cidadãos, ainda não permitindo que membros da família participassem do justo regozijo do povo.²²

Com a falta de apoio financeiro do Estado do Piauí para a criação do Ginásio em Picos, o prefeito Celso Eulálio, que havia prometido a criação da referida instituição de ensino em discurso na Câmara Municipal, tomou para si a responsabilidade de instalar essa instituição de ensino secundário na cidade, e, juntamente com a ajuda e pressão do povo picoense, foi em busca de arrecadar fundos suficientes para a implantação do Ginásio Estadual Picoense.

Desse modo, o então governador do Piauí, Rocha Furtado, autoriza a criação do Ginásio, em 1949. Segundo Macedo, “o nosso Ginásio foi criado aos esforços dos deputados Antenor Neiva e Hélio Leitão. Sua instalação deve-se à vontade férrea do Prefeito Celso Eulálio. Mas o seu funcionamento é mérito do Professor Vidal”²³.

Assim, a reunião de inauguração do Ginásio Estadual Picoense ocorre em 09 de março de 1950, como consta no Livro de Atas I, do Ginásio:

Às nove horas da manhã do dia acima citado reuniram-se, sob a presidência do Governador do Estado José da Rocha Furtado, Matias Olímpio de Melo, Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, Agenor Barbosa de Almeida, Agenor Portela Veloso, Hélio das Chagas Leitão, Demerval Veras, Gumercindo Saraiva Ribeiro, Celso Eulálio, José de Sousa Granja, Antenor Neiva e Vidal de Freitas. Realizou-se a inauguração do Ginásio Estadual Picoense, no prédio destinado ao seu funcionamento na Praça da Bandeira (Grupo Escolar Coelho Rodrigues), sendo orador oficial o Juiz Vidal de Freitas, logo em seguida o Governador do Estado fez um apelo “a criação do Ginásio pertence ao povo de Picos e representa terreno neutro, não serve a influência dos interesses de ninguém”. Foi oferecido à noite um grande baile ao Governador do Estado e às delegações de udenistas de Pio IX e Fronteiras.²⁴

Como é visto na Ata, o Ginásio, inicialmente, teria sede no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, funcionando com duas turmas. Ainda que o Grupo não estivesse em boas condições físicas, este fator não atrapalhou no momento de inauguração do Ginásio Estadual Picoense, pois, para a população, não importava onde funcionasse, o importante era que Picos

²² LEITÃO, Hélio. 1950. apud SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 93.

²³ MACEDO, José Albano de. 1987. apud SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 93.

²⁴ In: SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 94.

tivesse um Ginásio onde seus filhos pudessem continuar seus estudos e ter, na visão de muitos, um futuro melhor pela frente. Isto também era perceptível na fala do governador Rocha Furtado, constatada no Livro de Atas I presente na citação acima, onde diz que a criação da instituição de ensino não representa favorecimento político nenhum, referindo-se as questões políticas envolvendo os partidos do PSD e UDN, mas sim um “terreno neutro”, onde quem ganha é a mocidade picoense que passava agora a desfrutar de um novo nível de ensino e possibilidades de desenvolvimento intelectual e profissional.

1.2 O surgimento do Grêmio Literário Da Costa e Silva

Com o Ginásio Estadual Picoense pronto, era a hora de matricular a mocidade picoense no ensino secundário da cidade. A matrícula não era tão simples. O aluno que pudesse e quisesse estudar no Ginásio Estadual Picoense teria que passar por um exame de admissão que comprovasse o seu nível de instrução. Passar neste exame era algo marcante para o aluno, quanto para a sua família, pois a sua aprovação significava a continuação de seus estudos, ou seja, um novo patamar intelectual.

Para que tivessem mais chances de serem aprovados neste exame de admissão, muitos alunos faziam aulas preparatórias com professores particulares, que, em sua maioria, eram com as já experientes professoras primárias de renome na cidade. Em Picos, existia também o Instituto Rui Barbosa, que era de propriedade do juiz José Vidal de Freitas, primeiro Diretor do Ginásio Estadual Picoense.

Os exames de admissão do Ginásio poderiam ser realizados em duas épocas: ao final do ano, no mês de dezembro; ou no início do ano, no mês de fevereiro, como estabelecia o Decreto Lei nº 4.244, art. 34 de 09 de abril de 1942, sobre os exames de admissão para o ensino secundário. Os alunos só teriam suas matrículas efetivadas, ainda que já tivesse concluído o curso primário, se passassem no exame de admissão. O exame possuía duas provas: uma escrita e outra oral, com tema selecionado na hora, onde o aluno responderia as perguntas e seria avaliado por uma banca examinadora composta pelos professores do Ginásio.

Nem todos os alunos que faziam a prova eram aprovados, o que lhes causava uma frustração, pois para poder continuar os estudos teriam que esperar o próximo exame, visto que não era permitido realizar mais de um exame de admissão no mesmo período.

Àqueles que passavam no teste, era possibilitado a continuação dos estudos e o sonho de futuramente ingressar em uma universidade, após a conclusão do Colegial²⁵. Desse modo, não havia mais a necessidade do estudante se deslocar para outra cidade - como Teresina, Floriano ou Crato, no Ceará -, para continuar os estudos.

Segundo Otaíza de Oliveira Romanelli, o ensino secundário tinha por objetivo preparar os estudantes desta rede de ensino para o ingresso no ensino superior²⁶. Isso era devido ao caráter de cultura geral e humanístico da grade curricular deste ensino que enfatizava uma formação mais voltada para a área de humanas. Assim, esta modalidade de educação “só podia existir como educação de classe. Continuava, pois, constituindo-se no ramo nobre do ensino, aquele realmente voltado para a formação das ‘individualidades condutoras’”²⁷.

Os alunos que passaram no primeiro exame de admissão do Ginásio Estadual Picoense e que, conseqüentemente, formaram sua primeira turma foram: Alfredo Leopoldo Albano, Dagoberto de Araújo Rocha, Dimas Leopoldo Lélis, Francisco Nascimento Rocha, José Albano de Macedo, José Bezerra Rodrigues, José Borges de Moura, José de Carvalho Sá, José Neiva Martins, Lourenço João de Carvalho, Luís de Alencar Bezerra, Mário Marreiros de Araújo, Raimundo de Carvalho Sá, Sebastião Batista de Carvalho, Solimar Leopoldino Dantas, Walmir Leal de Barros, Amanda Ferreira Dantas, Elza de Deus Ferreira, Expedita Alves Costa, Helenita Rodrigues dos Santos, Isabel de Carvalho Sá, Luísa Dalva Varão, Luísa Marlene G. Eulálio, Maria Aleluia Romana de Holanda, Maria Aldery L. Albano, Maria Antonieta N. Martins, Maria do Amparo L. Vieira, Maria Barbosa do Espírito Santo, Maria do Carmo Muniz Leopoldo, Maria do Carmo Pereira Cardoso, Maria Yedda Gervásio Leitão, Maria de Jesus Carvalho, Maria de Lourdes Carvalho, Maria Luísa de Deus Ferreira, Maria de Lourdes R. Santos, Maria Maggi M. Rufino, Maria Morena Monteiro, Maria Nair Feitosa Oliveira, Maria do Socorro F. Dantas, Maria Salete P. Leal, Maria Teresinha M. Santos, Raimunda de Araújo Moura, Verbena Neiva Eulálio e João Washington M. Magalhães.²⁸

Os alunos acima relacionados eram egressos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, Escola Municipal Landri Sales e do Instituto Monsenhor Hipólito (Colégio das Irmãs). Eles eram filhos da classe média e alta da cidade. Suas famílias possuíam boas condições

²⁵ Na década de 1950, o termo Colegial correspondia ao ensino primário, nível de ensino anterior ao ensino secundário e tinha duração de 4 anos. Hoje corresponde aos atuais 1º, 2º, 3º, 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental I.

²⁶ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. A organização do ensino e o contexto sócio-político após 1930. In: _____, *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

²⁷ Idem, p. 158.

²⁸ SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 96-97.

financeiras, possibilitando a estes alunos o estudo nas melhores escolas e/ou terem aulas com professores particulares, o que era uma vantagem na hora do exame de admissão.

Uma outra análise que pode ser útil para se entender o porquê de os alunos que passaram no exame de admissão do Ginásio serem provenientes de uma classe social mais favorecida economicamente, seria pela transmissão de capital cultural²⁹ que o ambiente familiar destes estudantes os proporcionaria, pois, como aborda Pierre Bourdieu,

[...] cada família transmite a seus filhos [...] um capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas desiguais de êxito”.³⁰

Dessa maneira, a influência cultural acerca dos valores educacionais presentes no espaço de convivência dos alunos que foram aprovados no primeiro exame de admissão do Ginásio, pode ter relação direta com esta aprovação. Além da dedicação à instrução, a família surgia como elemento incentivador para este indivíduo buscava auferir um maior conhecimento e se destacar social e culturalmente.

O exame de admissão consistia num processo de seleção de alunos, pois a maior parte estudantes que passavam provinham de famílias que tinham um bom poder aquisitivo – normalmente filhos de donos de comércio e médios produtores rurais da região - e da elite local – filhos de grandes produtores rurais e figuras políticas e administrativas da cidade. Assim, os estudantes que não tiveram um bom ensino primário ou não podiam pagar por aulas particulares, ficavam fora do quadro de alunos do Ginásio.

Os estudantes da primeira turma, depois de aprovados e já estudando no Ginásio, contaram com o apoio e o incentivo do Diretor do Ginásio, José Vidal de Freitas, e fundaram um Grêmio Estudantil, para atuar, juntamente com a direção do ginásio, nas decisões relacionadas à instituição de ensino, visando a melhoria da qualidade do ensino. Além disso, o Grêmio possibilitaria aos alunos do Ginásio uma maior interação com a comunidade local com a criação de eventos que pudessem reunir a sociedade picoense, integrando escola e comunidade.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. Educ. Rev. Belo Horizonte (10)3-15, dez. 1989.

³⁰ Idem, p. 5.

Segundo Dagoberto Rocha³¹, foram sugeridos dois nomes para o Grêmio Estudantil: o poeta Da Costa e Silva e o Padre Inácio de Araújo Costa. Foi feita a votação entre os alunos da primeira turma, saindo vencedor o nome do poeta Da Costa Silva.

Escolhido o nome do Grêmio, foi feita outra eleição para os componentes de seus membros. Os vencedores foram: Presidente: José Albano de Macêdo; Vice-Presidente: Maria do Carmo M. Leopoldo; 1º Secretário: Alfredo Albano; 2º Secretario: Helenita Santos; 1º Tesoureiro: Dimas Lelis; 2º Tesoureiro: Socorro Dantas; Orador: Albertino Barros; Bibliotecário: José Rafael Filho. Estes foram os primeiros componentes do Grêmio Literário Da Costa e Silva.

A atuação do Grêmio se deu em múltiplos âmbitos realizando diferentes atividades, como: bailes, saraus de poesias, dramatizações e concurso de miss, os quais todos os anos elegiam misses e rainhas. Dentre as realizações feitas pelo Grêmio Estudantil, destaca-se a criação do jornal *Flâmula*, como um veículo de comunicação dos assuntos estudantis; como será abordado no tópico seguinte.

1.3 A imprensa estudantil: *Flâmula*

O jornal *Flâmula* foi um impresso estudantil que tinha o objetivo de realçar a importância do estudo na juventude picoense. Este periódico idealizava como forma de representação estudantil um jovem que fosse capaz de desenvolver a sua criatividade através de sua dedicação a atividade intelectual, pois este era um fator que deveria ser intrínseco de uma mocidade ativa que almejava um futuro pela frente. A sua produção discursiva se constituía sobre o professor, onde destacava a sua atuação, para que pudesse agir como um agente incentivador e transformador dessa capacidade própria do aluno, no caso, o jovem picoense da década de 1950.

O primeiro passo para que o ideal do jornal se materializasse e pudesse ser colocado em prática era a compra da tipografia. Várias atividades foram organizadas pelo Grêmio Literário Da Costa e Silva com a finalidade de arrecadação de recursos para a compra das máquinas. Nesse intuito, promoveram desde apresentações teatrais a realizações de concursos de miss, sendo que este segundo evento foi o que mais teve efeito no levantamento de fundos para compra da tipografia. O 1º Evento de Rainha dos Estudantes realizado pelo Grêmio, que tinha como competidoras as ginásianas Idelzuite Leal, pela 1ª série, e Maria do Carmo

³¹ ROCHA, Dagoberto de. *Entrevista* concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida em 12 de agosto de 2012.

Cardoso, pela 2ª série, conseguiu arrecadar mais de Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros)³². Um fato marcante para o Grêmio e para a sociedade picoense, que mostrou a sua solidariedade com causas de boa finalidade, no caso, a criação do jornal estudantil *Flâmula*.

Com o dinheiro em mãos, faltava apenas o maquinário para que as ideias desses estudantes pudessem tomar forma e circulação. A tipografia foi comprada em Recife, Pernambuco, pelo aluno Ozildo Albano, que passou um bom tempo na cidade para que pudesse aprender como manuseá-la e, assim, ao chegar em Picos, ensinar aos demais como utilizá-la. Ozildo Albano demorou tanto a voltar que a sua amiga Olívia Rufino, em entrevista a pesquisadora Jane Bezerra de Sousa, achou que ele “tinha ido embora com o dinheiro, mas chegou”³³.

A tipografia era seminova, pois o dinheiro arrecado não era suficiente para a compra de uma máquina nova. A instalação da Gráfica Ginásial se deu à Rua 13 de Maio, atual Rua Cel. Francisco Santos, e foi inaugurada juntamente com o lançamento da primeira edição do jornal *Flâmula*, em 15 de março de 1952. Houve todo um evento em celebração a esse acontecimento: cerimônia religiosa pelo Padre José Inácio Madeira; animação com a Banda Municipal; e discursos proferidos pelo professor do Ginásio Estadual Picoense, Acelino Leite, pelo Dr. Antenor Neiva e pelo estudante José Albano de Macedo (Ozildo Albano), discurso este presente na primeira edição do jornal, que é descrito a seguir:

Uma falange de jovens aspirantes de grandes ideais concretiza hoje o seu sonho fagueiro de ontem.

Pugnando por essa justa causa não poupamos esforços nem medimos sacrifícios. Não houve obstáculos que não fossem vencidos, nem dificuldades que nos abatessem. Hoje apresentamos o fruto dos nossos labores – “FLÂMULA”, o jornal que irá engrandecer e dar nova vida a Picos.

“FLÂMULA”, ou pequena chama, em breve tornar-se-á um rútilo clarão, não como o fogo fátuo que brilha por um instante, depois se apaga, mas como uma estrela cintilante que brilhará para aqueles que tem sede de saber, como um facho luminoso que iluminará os que tateiam ainda nas trevas da ignorância.

“FLÂMULA”, órgão literário de Picos, guiará a nossa juventude nas sendas do saber, do dever e do amor à Pátria.

O 15 de março é um marco na história literária, social e progressista de Picos, pois neste dia sai o 1º número do jornal, que irá descortinar à mocidade estudiosa de nossa terra novos horizontes no campo das letras.

Picos, cidade nova que marcha altaneiramente para o progresso, há muito precisava de um emissário que levasse ao longe a sua grandeza, o labor de seu povo e a inteligência de seus filhos. Esse emissário, esse porta-voz é a

³² Rainha dos Estudantes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

³³ SOUSA, Jane Bezerra de. Op. cit. p. 105.

“FLÂMULA”, que cantará o nosso passado, enaltecerá as grandezas do presente e idealizará um porvir risonho para a terra que nos serviu de berço. Todo cidadão conspícuo e nobre, honrado e patriota, deverá ajudar e colaborar com os estudantes nesse grande empreendimento. Sentimo-nos hoje orgulhosos por termos trabalhado denodadamente, lutando com ardor nessa campanha. Estamos satisfeitiíssimos, apesar dos sacrifícios que fizemos, das canseiras e dos trabalhos que tivemos, das humilhações e das afrontas que recebemos, pois diz Corneille em um dos seus versos – “À vaincre sans péril, on triomphe sans gloire” (Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória)”.³⁴

Percebe-se, na fala de Ozildo Albano, que várias foram as dificuldades enfrentadas pelos alunos do Grêmio Literário Da Costa e Silva, juntamente com o diretor José Vidal de Freitas, em conseguir concretizar um sonho que, para a realidade local, talvez não pudesse ser alcançado.

A primeira edição de *Flâmula* lançada custava Cr\$ 1,00 e procurou destacar a importância de se ter em Picos um jornal estudantil. A sua criação viria a servir de incentivo aos jovens picoenses que almejavam algo melhor para suas vidas através do estudo. Estímulo este presente nas várias matérias desta edição.

Os escritores das colunas eram professores e alunos do Ginásio Estadual Picoense e seus textos abordavam vários temas, desde: estudo, aspectos da sociedade, eventos históricos, problemas da realidade local entre outros. Dentre os professores aqueles que mais possuem matérias publicadas no jornal *Flâmula* são: Acilino Leite, Lourenço Campos e Alberto Nunes. Dentre os estudantes se destacam publicações de Alfredo Albano, Mário Marreiros e Maria do Carmo Leopoldo. Qualquer estudante do Ginásio Estadual Picoense poderia escrever para o jornal *Flâmula*, desde que passasse pela revisão Ozildo Albano, que era redator do jornal. Além dos professores e alunos, outras pessoas também poderiam contribuir com matérias, poesias ou felicitações sobre a atuação do jornal, exemplo disso é a poesia “Sombras de Luz”, do Pe. Baldoíno de Deus, que ressalta a presença de Deus como uma “luz” a guiar o caminho.

O jornal estudantil *Flâmula* foi um momento de destaque na vida e memória dos picoenses que vivenciaram a década de 1950. Mesmo os integrantes do Grêmio provindo de famílias de boas condições financeiras, a instalação de uma gráfica em Picos, tendo por principais líderes estudantes que a pouco entraram no ensino secundário, representava um desafio inovador para época, visto pela dificuldade em se manter um estabelecimento que tinha por principal produto um jornal em uma cidade que a maioria da população vivia no meio rural e não era alfabetizada. Vale destacar também o nível intelectual da escrita deste

³⁴ MACÊDO, José Albano de. Lutando por um ideal. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.4.

jornal que, mesmo sua venda sendo aberta à população picoense, percebe-se que não era de fácil entendimento, devendo-se possuir um bom grau de estudo para, acreditamos, uma boa apreensão das matérias nele veiculadas, até mesmo por possuir algumas dessas matérias escritas em outras línguas, como francês, latim e inglês. Assim, *Flâmula*, ainda que fosse um jornal de venda livre, selecionava o seu público leitor através do seu alto grau de compreensão. E é sobre a sua escrita que os próximos capítulos irão trabalhar.

2 “FLÂMULA: Órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva do Ginásio Estadual Picoense”

Inaugurada a Gráfica Ginásial a 9 de março de 1952, na cidade de Picos, e tendo sido a sua primeira edição publicada no dia 15 do mesmo mês, ganhava vida um empreendimento estudantil que tinha como principal objetivo difundir os valores da leitura, do estudo, da honra, da cultura para a sociedade picoense.

O jornal *Flâmula* tinha como principais idealizadores os alunos do Grêmio Literário Da Costa e Silva e professores do Ginásio Estadual Picoense, ambos atuavam conjuntamente nas produções das matérias e colunas do periódico. Estas eram lidas não só pelo corpo docente e discente do Ginásio, mas também pela população citadina e rural de Picos, circulando também no espaço da macrorregião - como Oeiras, Pio IX e Jaicós -, cidades mais distantes como Floriano e Teresina e algumas cidades do estado do Maranhão¹. Exemplo dessa grande circulação são as cartas enviadas ao jornal logrando êxito aos estudantes pelo seu trabalho. José Bezerra de Moura, em Codó, estado do Maranhão, em carta enviada à Diretoria do jornal, exalta-o como um “[...] patriótico gesto da altiva mocidade picoense, sempre ávida de conquista de ideal enobrecedor [...]”². Assim, percebe-se que, ainda que *Flâmula* não possuísse um caráter de grande imprensa, pois, Segundo Maria Aparecida de Aquino,

[...] qualifica-se de grande imprensa os órgãos de divulgação cuja veiculação pode ser diária, semanal ou mesmo que atuem em outra periodicidade, mas cuja dimensão, em termos empresariais, atinja uma estrutura que implique na dependência de um alto financiamento publicitário para a sua sobrevivência.³

Este periódico estudantil era um jornal de grande circulação, pois a sua leitura atingia várias cidades e estados próximos.

O jornal *Flâmula*, segundo seus editores, foi um produto exemplar da participação da jovem mocidade do Ginásio Estadual Picoense, na busca de sua inserção na sociedade através de um empreendimento formador de uma identidade nova, que aspirava aos valores da instrução e busca do conhecimento. Este caráter singular pode ser percebido na obra de

¹ A circulação de *Flâmula* pode ser percebida através do próprio jornal em seção destacada aos leitores denominada *Como nos receberam*, onde mensagens e cartas enviadas por eles são apresentadas pelo periódico.

² MOURA, José Bezerra de. *Flâmula*, Picos (PI), Ano I, n.7, 7 jun.1952. *Como nos receberam*, p.4.

³ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício da dominação e da resistência. O Estado de São Paulo e Moimento*. Bauru: EDUSC. 1999 apud OLIVEIRA, Marylu Alves de. *Contra a foice e o Martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O Dia”*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007, p.51.

Renato Duarte quando descreve o destaque que este jornal teve, em relação a outros jornais em circulação da cidade de Picos, como *A Ordem*, *Folha Circulista* e *A Gazeta*:

Pela sua natureza de jornal literário e noticioso, Flâmula destacava-se dos demais periódicos pela qualidade das matérias publicadas, seja no conteúdo, seja na forma. O jornal publicava artigos de professores e alunos do Ginásio Estadual Picoense e tinha como assíduo colaborador o poeta Lourenço Campos, que ali publicou vários dos seus poemas. A leitura dos exemplares ainda existentes de Flâmula, abrangendo os doze meses em que o jornal circulou, revela alguns aspectos da atividade cultural da cidade naquela época. Em primeiro lugar, percebe-se a ênfase dada pelos editores do jornal à educação e à cultura, a julgar pela insistência dos editoriais em abordarem o assunto. Segundo, é interessante observar nos vários exemplares de Flâmula a boa qualidade dos artigos assinados por alguns ginásianos, havendo uma nítida preferência pelos temas sociais como educação e saúde, e pelas biografias de cientistas e escritores.⁴

Apesar de toda ênfase dada ao *Flâmula*, percebida no texto de Renato Duarte, este periódico teve uma curta circulação. Não temos a informação com precisão do seu fim, devido ao fato de não dispormos acesso a todas as edições que foram publicadas, mas sabemos que remete ao ano de 1953. Segundo Jane Bezerra⁵, o término de *Flâmula* ocorreu com a edição de nº 14, que data de 18 de janeiro de 1953. Contudo, existem indícios contidos no jornal *Folha Circulista*, que cita matérias de *Flâmula* posterior a 14ª edição, que indicam uma sobrevivência do jornal:

O estudante Mário Marreiros na “Flâmula” de 15-2-53, esposa e subscreve a sugestão do seu colega prevendo que “muitos acharão absurdo dos mais abomináveis a criação de um clube social em nosso meio, enquanto que a outros a idéia agrada inteiramente e, por isso [sic], a aceitarão sem o devido exame”. O estudante Edilson Portela Santos, no artigo “Sonhos de uma Geração”, em “Flâmula” de 15-3-53, afina pelo mesmo diapasão, considerando a fundação de um “Clube” como uma das mais sublimes aspirações” e dos “mais esplendidos sonhos da atual geração picoense”⁶.

A citação acima, retirada da matéria *Falta que não faz falta*, de autoria das iniciais PDL – o que nos leva associar ao Padre David Leal, integrante do Círculo Operário de Picos -, era da segunda edição do jornal *Folha Circulista*, datada de 29 de março de 1953, deixa perceptível que *Flâmula* ainda se manteve em circulação por algum tempo, não se tonando “fogo fátuo” na edição de nº 14, como afirma Sousa. A matéria ressalta artigos de *Flâmula* de

⁴ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos 50*. 2 ed. Gráfica Ed. Nordeste, 1995, p. 138-143.

⁵ SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2005, p. 106.

⁶ PDL. *Falta que não faz falta*. *Folha Circulista*. Picos (PI), 29 mar.1953, Ano 1. Nº 2, p.2.

15 de fevereiro e 15 de março de 1953, deixando a entender que o referido periódico ainda se manteve vivo por um breve período de tempo.

Mesmo possuindo um tempo de vida efêmero, *Flâmula* deixou sua contribuição, em nível discursivo, sobre os campos educacional, cultural, social, político e religioso da cidade, destacando-se, segundo seus produtores, como um marco estudantil em um momento em que, seguir no caminho intelectual ainda era uma atividade para poucos. É sobre a forma, produção, escrita, colaboradores e temáticas abordadas e discutidas em suas páginas que este capítulo procurará analisar.

2.1 O perfil do jornal *Flâmula*

Em sua estruturação, o jornal *Flâmula* era composto por 04 (quatro) páginas, não possuindo uma especificidade principal, pois não havia uma organização definida para cada tipo de publicação. Na primeira página era dado destaque a uma notícia, apresentando-a em uma fonte maior, que seria descrita em forma de matéria na mesma página. Normalmente, essas notícias estavam relacionadas à educação ou a algum evento promovido pelo Ginásio Estadual Picoense, como o evento da Rainha dos Estudantes⁷.

Eram publicadas quatro ou cinco matérias, com destaque sempre para o editorial, onde se apresentava a filosofia do jornal, que, em geral, ressaltava os valores e conquistas obtidos através da instrução, e, ao final da página, como uma nota de rodapé, constantemente havia um anúncio de algum comércio local, sendo esta característica comum na grande maioria das páginas. Nas páginas dois e três havia uma indefinição: ou uma página apresentava mais anúncios, alguns informes da prefeitura municipal de Picos, com uma ou duas matérias; e a outra apresentava matérias e/ou continuações de textos iniciados em outras páginas e alguns anúncios. Sempre havia uma interposição entre essas duas páginas, com exceção a edição nº 2, onde apresentava a página dois, somente com descrição da receita do município de Picos para o ano de 1952, terminando na terceira página, juntamente com anúncios. A página quatro era destinada as Notas Sociais, que procuravam evidenciar os aniversários, visitas, batizados e falecimentos, ocorridos na cidade de Picos. Possuía, também na quarta página, uma ou duas matérias e, em algumas de suas edições, um espaço dedicado a publicações de poesias e a seção de humor, caracterizada como “Seção Charadística”, dando ênfase aos valores culturais locais. Era assim que normalmente as páginas de *Flâmula* se apresentavam ao leitor.

⁷ Rainha dos Estudantes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

Nos seus primeiros meses, o jornal era publicado duas vezes ao mês, sempre aos sábados, e com poucos anunciantes, caracterizando-o como de baixo financiamento. Com o passar das edições e percebendo-se a ampliação da visibilidade do jornal, há um aumento significativo no número de anúncios, compostos de grandes e pequenos comerciantes, em sua grande maioria, locais. Assim, entre os seus principais anunciantes, podemos citar: A Pernambucana – tecidos em grosso e a retalho; F. Antão Reis & Irmão – representações e conta própria; Armazém do Povo; Sapataria Santa Terezinha; Esquina Ideal; Agência São Cristóvão, Armazém São Francisco; Auto Picoense; Casa Inglesa. Estes normalmente ocupavam grande espaço e destaque nas folhas de *Flâmula*. Os pequenos e populares anúncios ocupavam um espaço menor, porém possuíam maior número e geralmente estavam relacionados à prestação de serviços. Alguns deles são: Bianco Cavalcante – Alfaiate; Armazém N. S. dos Remédios; A Casa Nova; Farmácia São Francisco; Ricardo Cassiano Dantas; Bar Avenida; Alfaiataria Elite; Salão Martins; Dr. Cyro Nogueira de Castro – Advogado; Jorge Gregório Ribeiro – Advogado; Foto Varão; A Padaria São José; Posto Esso, entre outros.

Esses anúncios eram importantes para o jornal, pois ajudavam na circulação pela cidade, mas não eram responsáveis pela maior parte da receita que o mantinha, como destaca a senhora Maria Aldery Leopoldo Albano Duarte⁸, ex-aluna do Ginásio Estadual Picoense: a maior parte da receita do jornal procedia de “[...] nós mesmo. O comércio tinha alguns comerciantes que contribuía, Dr. Zé Carlos, alguns. Mas a maior parte era... a gente tinha uma mensalidade”⁹. Assim, o que realmente mantinha o jornal era a sua venda e/ou assinatura¹⁰ e da contribuição de seus membros, já que o valor arrecadado pela publicação de anúncios de comércios e estabelecimentos não era suficiente para manter a tipografia sempre em pleno funcionamento.

O jornal *Flâmula* tinha como slogan a seguinte frase de Sócrates: “A raiz da instrução é, realmente, amarga, mas os frutos são doces”. O referido slogan apresenta ao seu leitor a filosofia do jornal, que é destacar o valor da instrução, pois se entendia que estudar não era uma tarefa fácil, requeria comprometimento, dedicação e empenho daquele que buscasse o conhecimento. Mas todo esse esforço não era vão, segundo os articulistas do periódico, a recompensa deveria vir no futuro, com as conquistas obtidas através dessa educação. Nesse

⁸ Maria Aldery Leopoldo Albano Duarte nasceu em 3 de março de 1935, em Picos-PI. Foi aluna da primeira turma do Ginásio Estadual Picoense que iniciou em março de 1951.

⁹ DUARTE, Maria Aldery Leopoldo Albano. *Entrevista concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida*. Picos (PI), em 15 jan.2013.

¹⁰ Os preços estavam presentes no próprio jornal: o número avulso custava Cr\$ 1,00; o número atrasado Cr\$ 2,00; e a assinatura anual Cr\$ 40,00.

sentido, entende-se que o jornal procurava agir como um idealizador e propagador desse pensamento, com a intenção de apresentar uma ideia compartilhada pela mocidade picoense, que buscasse seguir o caminho do conhecimento, uma vez que através dele poderia alcançar a sua civilidade e liberdade plena. Emblemática esta posição na edição n.01 de *Flâmula*, em matéria que o apresenta a sociedade picoense.

É, pois, cheios do maior otimismo que os que têm parte na vida estudantil da mocidade de Picos vêem surgir o primeiro número do jornal a FLÂMULA, órgão literário e noticioso do “Grêmio da Costa e Silva”, do “Ginásio Estadual Picoense”.

É pequena chama, que se espera haverá de se tornar rútilo clarão na marcha ascensional dos que aqui aprendem; bandeirola, que se espera virá a ser um pendão de esperança, de civismo e de liberdade no coração da mocidade estudiosa desta terra.¹¹

O quadro de componentes do jornal era formado pelos seguintes membros: Superintendente: professor Acilino Leite; Diretor: Alfredo Leopoldo Albano; Gerente: José Albano de Macêdo; Redator Chefe: Albertino Leal Barros; e Redatores: José Rafael Filho, Mário Marreiros e Luiz Alencar Bezerra. A presença de um professor, atuando como supervisor, em meio a estudantes no corpo editorial do jornal, destaca a importância que *Flâmula* tinha, pois, como dito anteriormente, a sua circulação não era somente interna, ou seja, para o corpo discente e docente do Ginásio Estadual Picoense, mas também externa, havendo a sua comercialização para a sociedade local e regiões próximas. Desse modo, era importante mostrar aos leitores o ideal e os valores que eram ensinados no Ginásio, e isso era perceptível na retórica utilizada por professores e alunos nas matérias do jornal.

As temáticas trabalhadas por *Flâmula* não se destacavam somente no que tangia à educação, mesmo este sendo um órgão estudantil. Por também se caracterizar como um empreendimento jornalístico e ter uma certa circulação, era necessário que as matérias publicadas tratassem de outras temáticas e que estas não estivessem deslocadas das vivências sociais daqueles que as liam. Assim, além dos artigos relacionados ao tema educação, também eram publicados textos que falavam sobre imprensa, política, seca, religião, trabalho, condição feminina, entre outros. Ou seja, *Flâmula* possuía um amplo leque temático, sobre os quais produziam sua representação¹², dando uma opinião sobre cada assunto.

¹¹ Imprensa Estudantil. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

¹² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Lisboa: Difel, 1990.

Quadro 01: Temas abordados pelo jornal *Flâmula* nas edições 1 a 14.

QUANTIDADE	TEMA
26	Educação
13	Notas Sociais
8	Morte
8	Prefeitura
7	Festividade
6	Homenagem
6	Personalidades históricas
5	Imprensa
5	Humor
5	Política
5	Seca
5	Trabalho
5	Religião
4	Patriotismo
4	Condição feminina
3	Poesia
3	Solidariedade
3	Agricultura
3	Fato Histórico
3	Editais
2	Solenidade
2	Saudosismo
2	Personalidades locais
1	Coronelismo
1	Divórcio
1	Entretenimento
1	Escravidão
1	Fato Científico
1	Índio
1	Jogos de azar
1	Música
1	Negro
1	Saúde
1	Teatro

Fonte: Jornais *Flâmula* de nº 01 a 14, março de 1952 a janeiro de 1953, localizados no Museu Ozildo Albano.

Percebe-se, ao analisar o quadro anterior, que, individualmente, o tema educação aparece como predominante nas temáticas trabalhadas pelo jornal, mas, ao fazer a relação da parte pelo todo, *Flâmula* procurava dar destaque as mais diversas temáticas, atingindo, assim, um amplo público leitor. Entre alguns de seus colaboradores¹³, podemos citar Acilino Leite, João de Sousa Libório, José Gregório Ribeiro, Otilio Neiva Coelho, Edilson Portela Santos, Antônio Marques, João C. de Sousa Santos, José Soares e Alberto Nunes. Este último era inspetor do Ginásio Estadual Picoense, e possuía matérias em quase todas as edições, publicadas na Coluna *Meu Cantinho*, que tratavam sobre vários tipos de temas, desde assuntos sobre o Ginásio a questões referentes ao trabalho, filmes, religião, onde a análise de seus escritos se fez relevante para produção desse trabalho.

Em vista do grande número de temáticas, optou-se por trabalhar aquelas que nos pareceram mais significativas, que são os temas que tratam sobre educação - visto que este foi o tema com maior número de matérias -, política e os aspectos sociais. São essas as temáticas que se apresentam como as principais representações das formas de ser e estar, ou pelo menos, que os escritores de *Flâmula* gostariam que existissem socialmente em Picos. São sobre essas três temáticas representacionais do pensamento intelectual da época que trataremos nos próximos tópicos.

2.2 Flâmula e suas variáveis temáticas representacionais

O periódico estudantil, por atuar como órgão literário e noticioso, discutia, também, em suas páginas, várias temáticas relacionadas à realidade social da sociedade picoense, não se limitando apenas a abordar o tema da educação, por estar ligado a uma instituição de ensino. Sobre essas diversas temáticas e suas representações é que este tópico buscou se aprofundar, destacando as variáveis discursivas já elencadas acima: a educação, a política e os aspectos sociais. Assuntos estes que nos ajudaram a entender os ideais que os articuladores de *Flâmula* queriam evidenciar para a mocidade estudantil e sociedade picoense.

2.2.1 Os valores educacionais

Como um empreendimento estudantil e por ter como principal objetivo procurar destacar os valores obtidos através da busca pela instrução e conhecimento, a temática da

¹³ Os colaboradores eram professores do Ginásio e personalidades locais (poetas, padres, políticos, advogados) que contribuíam com publicações em *Flâmula* com as mais diversas temáticas, juntando-se às publicações dos estudantes do Ginásio Estadual Picoense.

educação estava vigente em todas as edições de *Flâmula*. A edição nº 1 é exemplo disso. Quase todas as matérias estavam relacionadas à importância do estudo e as demais davam ênfase à criação da Gráfica Ginásial e ao empenho dos estudantes de tornarem essa aspiração em realidade. O surgimento de *Flâmula* representaria um novo tempo para a cidade de Picos, que, a partir daquele momento, poderia ver surgir o progresso, o civismo e o desenvolvimento intelectual que seriam propiciados pelo jornal estudantil¹⁴.

A análise aqui feita procurou evidenciar como se dava a construção da representação desse discurso pedagógico propagado por estudantes, professores e colaboradores de *Flâmula*. Segundo Eni Pulcinelli Orlani, o discurso pedagógico é “[...] um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para qual a tende: a escola”¹⁵. Dessa forma, o discurso aqui em análise é o pedagógico, propagado pelo Ginásio Estadual Picoense, que é veiculado em *Flâmula* e assumiu um caráter legítimo e homogêneo pois era oriundo de uma instituição legitimada pela sociedade: o Ginásio de Picos, “entidade detentora do saber”.

Esse discurso tinha por principal direcionamento a mocidade estudantil picoense da década de 1950, visando, segundo seus produtores, a construção de um ideal intelectual para sua sociedade e que pudesse caracterizá-la como um local de referência estudantil e construtora de conhecimento na região.

A matéria inaugural de *Flâmula* dava destaque à presença da imprensa como um meio para o desenvolvimento do estudante, tanto no âmbito da escrita como da leitura. Vejamos o que a reportagem diz:

IMPrensa ESTUDANTIL

Aquilo dos romanos – ARS EX EXPERIMENTO VENIT- a nenhuma outra arte pode ter melhor aplicação do que a arte de escrever. Ninguém aprende com segurança a escrever, se não lê muito e muito não escreve.

Por outro lado, nenhuma carreira há, das que se abrem ao jovem estudante, em que não lhe seja necessária a muito capacidade de exprimir os conceitos e as conclusões de que fatalmente se terá de enriquecer sua plástica inteligência, pela aquisição dos conhecimentos científicos, patrimônio da profissão liberal em que seus pensadores intelectuais e artísticos o encarreirem.

Ora, nada existe que todos os estudantes leiam com maior gosto, nem em que tenham mais ânsia de escrever, do que o jornal em que colaboram e que realmente fazem seus colegas, e que reflita a vida de estudantes, seus ideais, suas esperanças, seus óbices intelectuais e, -para que não dizer? – até seus amores adolescentes.

¹⁴ *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

¹⁵ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 2.ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987, p.28.

Acresce que as atividades da imprensa dão um cunho particular e destacado a todos aqueles que plasmam a mentalidade na vida do jornal, seja êle grande ou pequeno, do sertão ou das grandes metrópoles. E na influência que exerce sobre a formação do espírito democrático dos moços e na criação de acentuadas correntes de opinião, de verdadeiras ESCOLAS de pensamento, nada se lhe avanta, a não ser, talvez, a cátedra em que pontifiquem verdadeiros homens de gênio. Foi na tribuna da imprensa que Rui Barbosa formou a poderosa corrente de opinião que lhe propiciou sagrar-se o maior criador da República Brasileira e de suas primeiras instituições. Foi ela que fez de Gilberto Freire, desde seus tempos de estudante nos Estados Unidos e como colaborador assíduo do vôvô [sic] da imprensa latino-americana – o “Diário de Pernambuco”, o moldador de uma nova corrente de estudos sociológicos, em que o segue verdadeira plêiade de intelectuais em todos os ramos do pensamento brasileiro, sobretudo do norte. E se Tobias Barreto conseguiu, mais do que Rui, traçar um sulco tão profundo no pensamento e na vida dos moços de seu tempo, não foi senão graças ao que, além dos poderes do jornalismo, lhe acresceram os da cátedra eminentíssima. Sulco, aliás, não mais profundo que o que vem traçando Gilberto, justamente por exercer sua enorme influência nas duas correntes de poderes que fizeram a imortalidade do pensador sergipano.

É, pois, cheios do maior otimismo que os que têm parte na vida estudantil da mocidade de Picos vêem surgir o primeiro número do jornal a *FLÂMULA*, órgão literário e noticioso do “Grêmio da Costa e Silva”, do “Ginásio Estadual Picoense”.

É pequena chama, que se espera haverá de se tornar rútilo clarão na marcha ascensional dos que aqui aprendem; bandeirola, que se espera virá a ser um pendão de esperança, de civismo e de liberdade no coração da mocidade estudiosa desta terra.¹⁶

A matéria buscava realçar o valor da imprensa como meio de desenvolvimento intelectual, pois era através de sua escrita que os conhecimentos e conceitos apreendidos na escola deveriam ser colocados em prática. O texto instiga os alunos do Ginásio Estadual Picoense a colaborarem na escrita do jornal *Flâmula*, pois, além de ser um ato democrático, é um ato cívico e de liberdade. A exemplo, são mostrados vários personagens brasileiros importantes que tiveram na imprensa uma etapa da vida para a sua ascensão profissional, como Rui Barbosa, Gilberto Freyre e Tobias Barreto. Todos eles escreveram para jornais e através deles se tornaram conhecidos. Do mesmo modo, a matéria acima também legitimava a existência do referido periódico, pois o cita como um elo formador da “mentalidade” e do “espírito democrático” daqueles que faziam parte do seu processo de existência, ou seja, escritores e leitores, não importando o local de sua atuação, desde que viesse, segundo os articulistas do jornal, a engrandecer a sociedade em que procurava atuar. É com essa representação que o texto convida os alunos do Ginásio a ajudarem a “pequena chama” de *Flâmula* se tornar um “rútilo clarão”.

¹⁶ Imprensa Estudantil. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

Outra interpretação que podemos ter sobre essa matéria inaugural encontra-se no que diz respeito à valorização de um jornal produzido por cidadãos picoenses. Naquele momento, 1952, a cidade de Picos não possuía nenhum jornal próprio, ou seja, que fosse escrito por sua gente e que buscasse informar aos picoenses notícias de sua região. O jornal *O Aviso*, que é considerado o primeiro jornal de Picos, já não estava mais em circulação¹⁷, e os outros tipos de leitura informativas existentes eram de revistas que vinham de fora da cidade e do estado, a exemplo: *O Cruzeiro*, *A Cigarra*, *Alterosa*, *Noite Ilustrada*, *Vamos Ler*, *Cinelândia*, *Radiolândia*, *Revista do Rádio* e *Seleções do Reader's Digest*¹⁸. Os jornais *A Ordem*, *Folha Circulista* e *A Gazeta*, que já foram citados anteriormente neste trabalho, surgiram depois de *Flâmula*. Destarte, a matéria *Imprensa Estudantil*, não tinha como objetivo somente ressaltar a importância de se ter um periódico, ainda mais escrito por estudantes que estão sempre lado a lado com o saber, mas também de realçar o seu valor àqueles que o leem, que são os picoenses, procurando trazê-los para mais perto desta iniciativa estudantil.

Nessa primeira edição, e como dito anteriormente, vários são os textos que realçam o valor do estudo e parabenizam a criação de *Flâmula*. Em artigo publicado nesse exemplar, com título *A nossa formação intelectual*, Edilson Portela Santos, refletia sobre a importância da dedicação ao estudo:

A educação é a força máxima, porque, por ela, não somente facultam aos povos, possibilidades para vencerem na concorrência universal, mas se lhes formam, orientam e conduzem o espírito e os passos na melhor diretriz. Eis, pois, o valor da educação intelectual na atualidade; por isto, devemos empreender todos os esforços que se fizerem necessários à formação do nosso espírito, pois assim diz o grande educador e filósofo A. Carneiro Leão, - “um paiz não pode existir forte, civilizado e culto, si [sic] o seu povo não é culto, civilizado e forte”,-.¹⁹

Pelo artigo, vemos a existência de uma necessidade da educação como caminho para a “formação do nosso espírito”. A representação que Portela Santos tem sobre a educação é perceptível na anadiplose de Carneiro Leão que ele cita em sua matéria: “um paiz não pode existir forte, civilizado e culto, se o seu povo não é culto, civilizado e forte”. Ser “culto” era um fator determinante e elemento caracterizador de uma sociedade dita civilizada, e para que isso pudesse existir era necessário que todo estudante se dedicasse ao caminho da instrução,

¹⁷ Não sabemos ao certo quando o jornal deixou de ser publicado, mas temos conhecimento de sua longa duração. A primeira edição data do ano de 1910, com alguns exemplares disponíveis para pesquisa no Museu Ozildo Albano do ano de 1928, caracterizando o longo período de vida do jornal.

¹⁸ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos* 50. 2 ed. Gráfica Ed. Nordeste, 1995, p. 136.

¹⁹ SANTOS, Edilson Portela. *A nossa formação intelectual. Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.2.

porque é dela que o indivíduo poderia obter sucesso na vida e traria progresso para a sua nação.

A recorrência a elementos relacionados à formação do caráter e do patriotismo será perceptível no discurso de *Flâmula*, associados ao seu modelo de representação social e de educação. Isso se deve à educação moral e cívica, presente no currículo do ensino, que estava predisposto no Decreto-Lei n. 4.244 de 9 de abril de 1942, da Lei Orgânica do Ensino Secundário. Segundo esta lei, aos alunos que cursassem o ginásio, deveriam desenvolver “os elementos essenciais da moralidade: o espírito de disciplina, a dedicação aos ideais e a consciência de responsabilidade”²⁰. Qualidades estas que *Flâmula* queria realçar na jovem mocidade estudantil picoense como virtudes padrão representativas do estudante.

O discurso de Portela Santos constrói a imagem de discente que *Flâmula* queria formar e, principalmente, elucidar na juventude picoense: um aluno culto e dedicado aos estudos. Esta representação e valorização do aluno estudioso também eram perceptíveis no artigo de José Gregório Ribeiro, com o título de *Fungos*, onde ele faz uma comparação do fungo com o aluno “desonesto”.

Na esfera humana há indivíduos que são parasitas por índole e por convicção, que só podem viver dependendo de outros. É muito comum nos estabelecimentos de ensino, para não ser extensivo a outras matizes sociais, a existência de um grupo de bons estudantes, disciplinados, estudiosos, esforçados e interessados na conquista honesta dos conhecimentos indispensáveis a aquisição do preço da vida independente e honrada. Esse grupo de estudantes é semelhante à “árvore plantada junto a ribeiros d’água, a qual dá o seu fruto na estação própria”. Dêsses são escolhidos os expoentes para os elevados destinos da pátria. Na mesma escola, muita vez, ao lado do honroso grupo de bons estudantes, ao grupo dos maus que, não satisfeitos com o parasitismo em que levam a vida nos lares de seus pais, alí perturbam, fazem ruídos, quebram móveis, relaxam a disciplina, subvertem a ordem e não observam as admoestações dos mestres, não estudam convenientemente as lições que lhes são ministradas e, no dia dos exames, transformam-se em parasitas filões, cujas mãos tremem e tateiam à medida que procuram acertar, com as filas previamente escondidas nas vestes.²¹

Nas palavras de Gregório Ribeiro, ao comparar esses “maus estudantes” aos “indivíduos parasitas”, reforçava a representação do aluno já mostrada anteriormente. O estudante deveria ser um indivíduo honesto, dedicado, disciplinado e interessado, tendo como objetivo maior a busca pelo conhecimento através da instrução, sempre em vista de se trazer o melhor para a sociedade e engrandecer a nação. Os alunos não dedicados eram vistos com

²⁰ BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de Abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Art.23.

²¹ RIBEIRO, José Gregório. *Fungos*. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.4-3.

“maus olhos” pelo professor e àqueles ligados ao espaço educacional, eram “parasitas” da sociedade, pois, além de estarem enganando os seus pais, eram considerados indivíduos possuidores de “defeitos”, “maus costumes” e “vícios” que são características de pessoas que não objetivam um futuro em sua vida e atrasavam o progresso do país, ou, como dizia Gregório Ribeiro, a atitude desses maus alunos é “como a saprófita vive da podridão”.

O espaço dedicado à matéria de Gregório Ribeiro, em *Flâmula*, é característico da influência que essa representação de estudante possuía dentro do espaço do Ginásio e com aqueles que com este tem relações, ou seja, alunos, pais de alunos, professores e colaboradores do jornal. Essa imagem de “mau estudante” não era desejada dentro da instituição de ensino, que deveria ser visto como um local sério, onde eram formadas as futuras autoridades políticas e empresariais da sociedade. Assim, aquele aluno desinteressado, “filão”, que subvertia a ordem do professor não deveria estar em contato com os “bons alunos”, pois são estes que caracterizavam e davam nome ao estabelecimento estudantil.

A primeira edição de *Flâmula*, tendo em vista as análises de algumas de suas matérias citadas anteriormente, buscou representar a imagem de estudante que o jornal procurou destacar nas suas demais edições. Todavia, por atuar também como um órgão noticioso, as suas próximas edições não abordavam apenas a temática da educação e a criação do jornal, como nesta primeira. Dessa forma, as próximas análises procuraram focar nas publicações de professores, colaboradores e alunos que trabalharam outras formas de representação sobre o ideal de educação, que queria ser realçado na mocidade picoense de 1950.

O arquétipo de educação que *Flâmula* promulgava não estava centrado somente na figura do aluno, o professor também era peça fundamental no processo de instrução e capacitação do estudante. Assim, o discurso deste órgão estudantil procurava defender e formar um ideal de professor: cidadão responsável e entendido da importância de sua atuação profissional para a sociedade.

Para *Flâmula*, a profissão do magistério tinha que ser vista como um “verdadeiro sacerdócio”, ou seja, autêntico e efetivo para aquilo que é proposto: a educação. Os outros interesses, como a remuneração, mesmo que importantes, deveriam estar em relevância menor ao da educação. Essa imagem de professor-sacerdote pode ser vista no artigo de título *Magistério e Sacerdócio*:

Como os que a êle [a educação] se dedica em regra são pessoas cujos recursos econômicos consistem no tempo e na capacidade de aplicar a um fim produtivo, é fatal que o professor se interesse pela remuneração de seu precioso trabalho, justamente para isto: para que possa ser professor. Mas é

igualmente indispensável que o mestre se interesse tanto em prol do aproveitamento de seus jovens discípulos, quanto pela remuneração que daí lhe advenha. É uma questão do mais sadio patriotismo que se equilibrem os dois interesses e, no caso de eles se chocarem entre si, o verdadeiro sacerdócio exigiria que o do aproveitamento dos estudantes sobrelevasse a qualquer outro.²²

A reportagem acima evidencia a imagem de professor que deveria ser seguida: a de educador que sempre coloca os seus alunos em primeiro plano. Esta fala contida em *Flâmula* procurava formar o caráter de atuação desse profissional criando valores sobre ele, como o de altruísmo. Do mesmo modo que esse discurso faz alusão à maneira de agir do docente, também agia em sua defesa apontando que o professor mereceria remuneração digna pela sua atuação, bem como melhores condições de trabalho, tendo vista que era o educador que formaria os futuros dirigentes e trabalhadores da pátria.

Além de caracterizar o professor como um profissional que deveria colocar a instrução como prioridade em sua vida, o artigo vem criticar a má qualidade de ensino que ocorria em alguns estabelecimentos educacionais, nesse sentido, o cronista de *A Flâmula* desaprovava a ação dos pais de alunos que se esforçam em ver seu filho aprovado sem realmente saberem se estes estavam aprendendo.

Um dos principais responsáveis por tal estado de cousas é a mercantilização do ensino, em que muita vez comerciantes, que não educadores, exploram o trabalho dos professores e a má compreensão de muitos pais, que sobrepõem a aprovação de filhos ao seu aproveitamento, quando não são mestres para quem o que importa é fazer jus à paga, progridam ou não aqueles cuja inteligência está confiada ao seu sacerdócio.²³

O discurso colocado em *Flâmula* repreendia a ação dos docentes que não pregam a formação eficaz de seus discípulos, dando valor maior ao monetário. Há uma quebra na visão que o professor deveria ter de si mesmo, pois era visto como um “comerciante da educação” e não como professor-sacerdote, visando mais o interesse financeiro que a missão verdadeira de sua profissão.

De certo modo, percebe-se que a comparação feita entre o magistério e sacerdócio não apenas refletia a imagem de professor que *Flâmula* queria repassar, mas também a realidade local a que os professores do Ginásio Estadual Picoense se encontravam e que ele queria transformar, tendo em vista a falta de recursos humanos qualificados para atuação como professor na referida instituição. A exceção dos professores José Vidal de Freitas e José dos

²² Magistério e Sacerdócio. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.3, 12 abr.1952, p.1.

²³ Idem, Ibidem.

Santos Fonseca, os demais não apresentavam curso superior, como era exigido pela Lei Orgânica de 1942, e a remuneração não era suficiente para que estes docentes pudessem sobreviver apenas desta profissão²⁴. Aquele que exercesse o magistério no Ginásio necessitaria de outra fonte de renda para complementar com a remuneração de professor.

A dedicação à educação era vista com prioridade em relação a outros elementos essenciais, como a saúde – que, nas matérias de *Flâmula*, não era muito citada, mas não deixava de ser matéria importante para o jornal -, devido à capacidade de transformação social que o ensino poderia proporcionar. É por isso que os professores, ainda que não recebessem salário condigno a sua profissão, ressaltavam o seu valor e legitimavam esse discurso no periódico estudantil. O apreço dado à instrução refletia a imagem do discurso pedagógico que se tinha sobre ela: um caminho para diminuir as desigualdades sociais e engrandecer a pátria, contribuindo para o seu progresso. Esta representação fica mais clara, ao analisarmos a fala J. de Sousa Libório em seu artigo de título *Na conquista de um ideal*.

Educar é amar incondicionalmente à Pátria. Educar é contribuir para a formação de um grande povo. É mais do que isso: é plasmar caracteres, fundindo-os no cadinho das grandes virtudes que elevam a criatura humana. Educar pois, por todos os meios, empregando os melhores esforços para o aproveitamento dos verdadeiros valores. É precisamente isso que chamo educar, missão nobilitante, tarefa por sem dúvida meritória e que em Picos vai começando a produzir frutos sazonados de um alto ideal humano, que encontrou eco na sociedade e guardada na galeria confortadora dos corações bem formados.²⁵

A presença de um sentimento nacionalista impregnado à educação era utilizada como argumento de estímulo à participação da sociedade pela busca de melhorias para o âmbito educacional, visto que educar e contribuir com a instrução era uma atitude de valor propagada nesse meio social. Aqueles que objetivavam uma nação forte e possuidora de cidadãos com grandes virtudes e valores morais deveriam contribuir com o ensino.

O importante era educar, não influenciando, nesse sentido, o meio para que este propósito pudesse ser alcançado. Mas de que forma esse ideal de educação era transmitido aos jovens estudantes e a sociedade picoense? Entendia-se, nesse momento, que a instrução era o caminho para um futuro promissor, principalmente para aqueles indivíduos de vida mais humilde, que se viam como “menos capacitados”, frente àqueles de famílias com melhores condições financeiras. A dedicação ao estudo se tornava, então, a alternativa utilizada por

²⁴ SOUSA, Jane Bezerra de. Op cit. p.112-114.

²⁵ LIBÓRIO, J. de Sousa. Na conquista de um ideal. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.1.

estes estudantes com vias a garantir um porvir que assegurasse uma vida com estabilidade e boa posição social, visto, também, que aquele indivíduo reconhecido como possuidor de conhecimento, era tido como personalidade intelectual e diferenciado entre os seus semelhantes.

Essa percepção do valor dado ao saber, entendido como elemento de equalização social com os indivíduos favorecidos economicamente, estava presente no relato do estudante Francisco Rocha, em matéria de título *O dever de estudar*.

Devemos estudar para melhor compreendermos a vida e mais facilmente nos habilitarmos para viver.

A raiz do estudo é um pouco dura, pois no período de nossos estudos sofremos humilhações de alguns educadores e de colegas que possuem complexo de superioridade para com os humildes. Mas devemos inclinar a cabeça e sofrer com resignação, que um dia, quando tivermos cultura, seremos iguais àqueles que nos humilham, por serem dotados de inteligência e favorecidos pela natureza.²⁶

Além do valor cultural que era dado à instrução, é percebido, também, uma relação de poder àquele indivíduo detentor de conhecimento e normalmente relacionado às famílias abastardas da sociedade. A análise do estudante Francisco Rocha, infere-nos uma conformidade em não se contrapor, por parte do estudante mais humilde, às atitudes desdenhosas daqueles sujeitos economicamente favorecidos e pelos professores, prática esta legitimada pelo status social representados por eles. Desse modo, o “dever de estudar” surge como fator de equiparação entre entes socialmente distintos e de recompensa futura para aqueles que realmente se sacrificariam ao ensino.

O discurso de *Flâmula*, em relação à instrução, buscava criar na mocidade estudantil esse ideal de abnegação presente em seu slogan. Era necessário que houvesse uma completa dedicação ao ensino, não somente pelos estudantes, mas por todos aqueles que faziam parte deste processo, para que a educação pudesse acontecer. Assim, da mesma forma que o jornal propagava este paradigma educacional, buscava atuar também de maneira a trazer melhorias para as condições de ensino e trabalho do professor, atuação esta que ocorria através da crítica ao sistema de ensino brasileiro, visando mudanças concretas para o Ginásio.

Essas críticas também estavam relacionadas ao nível intelectual dos estudantes do ensino secundário, que estava aquém do que este representava, segundo os articuladores do jornal, e que era estimado pela educação clássica, devido à má formação de alguns estudantes do ensino primário que ingressavam no ginásio. Na matéria de título *O ensino nacional*,

²⁶ ROCHA, Francisco. O dever de estudar. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.1.

Flâmula fazia uma avaliação sobre algumas medidas ocorridas no Congresso de Reitores das Universidades Brasileiras, em São Paulo, onde foram propostas mudanças ao ciclo secundário, como a instituição de mais um ano no curso primário e idade mínima de doze anos para os candidatos aos exames de admissão:

Será que essas medidas, se tornadas realidade, trarão remédio à crise de aproveitamento intelectual de que vimos tendo tantas provas em relação à mocidade estudantil? Uma delas pertine intimamente a uma das principais causas do mal de que enferma o ensino secundário, e que é o baixíssimo nível de conhecimentos primários verificado na maior parte dos que são aprovados nos exames de admissão. Isto porque os pais são os primeiros a dar valor aos ginásios que lhes facilitem a matrícula dos filhos com um ou mais anos de economia de tempo e de custa do ensino. Por outro lado, muitos examinadores vão ao encontro dessa tendência dos pais, premiados pelas condições econômicas da casa de ensino a que servem²⁷.

A crítica ao sistema de ensino apresentado por *Flâmula* tinha como objetivo o desenvolvimento da educação nos estabelecimentos de ensino secundário, pois era partir do curso ginásial que muitos indivíduos partiam para o mercado de trabalho ou continuavam os estudos na universidade. A defasagem do ensino primário, principalmente no ensino público, afetava diretamente o processo de ensino secundarista, devido ao baixo nível de formação de alguns alunos que passavam no exame de admissão, retardando a aprendizagem daqueles discentes que tiveram base primária melhor. A solução proposta era o aperfeiçoamento desse ensino primário, sobretudo o público, visto que muitas famílias não tinham condições ou faziam sacrifícios para pagar um ensino privado para os filhos, nesse sentido, apontava-se a necessidade de que os exames de admissão fossem mais rígidos para que somente aqueles com capacidade pudessem ter acesso ao ginásio.

O que fica perceptível é que, ainda que *Flâmula* buscasse disseminar um ideal de educação de qualidade e incentivo à instrução para a mocidade picoense, deixava exprimir o caráter excludente para aqueles estudantes desfavorecidos economicamente, sem acesso a um ensino primário de qualidade, não podendo, então, cursar o ensino secundário, ficando limitado àqueles que pudessem pagar por uma educação melhor.

De qualquer forma, esse discurso engajado com o social era representativo do pensamento dos alunos e professores do Ginásio Estadual Picoense, tendo por base a realidade local, onde a maioria dos habitantes ainda não era alfabetizada. O progresso e o engrandecimento só viriam através do estudo, e isso não poderia acontecer se a maior parte da

²⁷ O ensino nacional. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.6, 24 mai.1952, p.1.

população ainda não sabia nem ler e escrever, para tanto, é percebido que esse padrão de educação também estava relacionado com as políticas públicas educacionais, e isso é percebido no trecho de J. de Sousa Libório, em seu artigo *Problema que continua insolúvel*:

Somos, ainda, um povo um tanto medíocre, respeitando, todavia, as nossas chamadas elites intelectuais ou o cabotinismo gritante e antipático que vive construindo igrejas literárias e trocando elogios concomitantes. Tudo que se tem feito, discutido e elaborado no setor da alfabetização do nosso povo, não tem correspondido à nossa expectativa e aos nossos verdadeiros anseios. Iniciativas têm surgido, porém fantasiosas e contraproducentes; isso devemos a inépcias de elementos do poder. Pedagogos de reconhecido mérito, representantes de todos os magistérios, toda essa plêiade de brasileiros ilustres e cheios de boa vontade, o povo na sua essência, nos dias atuais, sofre amargas desilusões, porque no Brasil, infelizmente, tudo gira de conformidade com a política, não aquela política preconizada e pontificada pelo insigne e genial conselheiro Ruy Barbosa.²⁸

A ignorância era vista como elemento representativo de nação atrasada e o seu combate só aconteceria com o fim do analfabetismo. Desta forma, se não houvesse uma atuação da sociedade em geral em conjunto com os setores diretamente ligados às áreas e políticas educacionais, o obscurantismo brasileiro não seria modificado somente pela ação de alguns empreendimentos sociais e cidadãos preocupados com a situação de defasagem da educação.

O que *Flâmula* almejava, e isso é repetido nas suas matérias aqui analisadas, era o desenvolvimento educacional, principalmente para Picos, pois era a realidade mais palpável a qual ele estava associado, visando a apreensão de valores imprescindíveis para a constituição de uma pátria moderna e que estivesse no caminho do progresso. As virtudes morais, cívicas e intelectuais são, portanto, objeto do discurso pedagógico propagado pelo jornal, que era órgão do Ginásio Estadual Picoense, instituição legitimadora e representativa desse ideal de educação desejado.

Os idealizadores do jornal viam que, através da instrução, algumas amarras sociais, vistas como elemento de retrocesso, poderiam ser quebradas. Uma dessas realidades, que estava próxima da sociedade picoense, era o coronelismo, como é abordado por Pierre Silva em sua matéria: *Os ginásios no interior Brasil*.

Outro problema que os ginásios resolverão no interior do país e que é um problema importante para nós que vivemos na segunda metade do século XX, o problema dos “coronéis” chefiando a política dos municípios.[...]
O maior inimigo da criação de ginásio no interior é, justamente, o coronelismo ou coronelato porque, apesar de vêsgo, êle consegue enxergar

²⁸ LIBÓRIO, J. de Sousa. Problema que continua insolúvel. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.7, 7 jun.1952, p.1.

que instruído é um destruidor do seu prestígio, que êle precisa conservar a todo custo, até mesmo em detrimento da instrução, que é o problema nº 1 do nosso imenso Brasil.²⁹

A presença dos ginásios surgia como meio conscientizador da população, que passaria a entender os seus direitos e atuaria de forma a mudar essa realidade. Com o estudo, esse cidadão mais instruído, sábio de seu dever e responsabilidade, trabalharia para a formação de uma sociedade mais democrática, rejeitando elementos característicos de governos despóticos e corruptos, que se usam do poder para obter benefício próprio.

Dessa forma, os idealizadores de *Flâmula* empregavam-se de construções discursivas, através da utilização de componentes da realidade material, para justificar e transmitir sua representação de ensino, a qual se pretendiam válidas para todos. Segundo os articulistas do jornal, a instrução seria a base para a mudança social que se desejava: uma sociedade íntegra, onde todos os cidadãos fossem participantes e buscassem agir para a construção de uma nação democrática que objetivava o progresso e o desenvolvimento da nação.

2.2.2 Os valores políticos

A temática política, em *Flâmula*, estava representada em um ideal pautado em valores éticos e morais que deveriam ser atinentes aos políticos da nação. Contudo, as matérias de cunho político que eram apresentadas nas páginas do noticioso não estavam articuladas à propaganda de partidos – no caso, o PSD e a UDN, que eram os que possuíam maior visibilidade de atuação em Picos na década de 1950 -, visto que, segundo os seus autores, se apresentava como um órgão jornalístico “neutro”, não ligado a interesses partidários. A sua ação visava aos interesses gerais da sociedade, que, como colocava Alberto Nunes, “Destina-se, portanto, a servir ao público, sem distinção de credo político, religioso, etc”³⁰.

Mas o que se podia entender como jornal apartidário quando alguns de seus cronistas eram figuras públicas ligadas a partidos políticos, como é o caso de João de Sousa Libório, candidato à Deputado Estadual pelo PSD nas eleições de 1950?

A representação política estava associada aos valores humanísticos presentes na formação intelectual dos articuladores do jornal, ou seja, estava ligada a um ideal de democracia e patriotismo. A posição tomada por *Flâmula* era, então, de crítica aos problemas

²⁹ SILVA, Pierre. Os ginásios no interior do Brasil. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.9, 3 ago.1952, p.1.

³⁰ NUNES, Alberto. Meu Cantinho: Novos Horizontes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.3.

políticos da pátria, como a corrupção, o autoritarismo, o mandonismo, que atrasavam no desenvolvimento e crescimento do país.

No artigo *Ordem e Liberdade*, percebemos como o periódico via a política nacional a partir de princípios que este achava importante e que deveriam ser apreendidos pela mocidade estudantil:

Tem sido o problema mais difícil de resolver na vida política dos povos, através dos tempos e ao longo da História, equacionar os dois termos do lema – “ordem e liberdade”, pois em regra os que estão no poder acham que tudo é pouco, no sentido da ordem, do respeito à autoridade, do rigorismo da lei, o que, infelizmente e onde não existe verdadeiro espírito democrático, facilmente degenera no “posso, quero e mando”, no “síc volo, sic jubeo”, no mais ilegal e autoritário mandonismo, que pode impor certa ordem, mas que é a mais completa negação da igualdade perante a lei e do verdadeiro conceito da autoridade, tanto mais respeitável perante todos, quanto mais se respeita e respeita a lei, sem facciosismo nem preferências. E os que lhe são adversários, muita vez acham que tudo é pouco no sentido da liberdade, do “laissez faire”, do “laissez aller”, “do” não sou escravo de ninguém”, o que é natural acabe levando a insegurança, à anarquia, à desordem”.
O ideal portanto, é atingir ao meio termo, ao “in médio virtus” dos romanos, o equilíbrio entre a ordem e a liberdade [...].³¹

O idealismo político preconizado pelo jornal agia de modo a buscar um padrão de ação que pudesse viabilizar uma atuação política democrática, onde a disposição de poderes estivesse igualitária, e não caracterizado por disputas de autoridade que, conseqüentemente, atrapalhariam aos interesses do país.

O período de publicação de *Flâmula* ocorre durante o governo de Vargas (1951-1954). Desse modo, algumas questões políticas dessa gestão também estavam impregnadas pelo jornal e apresentadas ao seu leitor, colocando-o como agente participativo e modificador da sua realidade e da nação. Assim, a política era colocada como ação coletiva, onde todos tinham sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento e progresso da pátria.

A política, então, era representada por *Flâmula* como um fator de responsabilidade, onde o agir dos indivíduos refletia diretamente nas mudanças sociais. Exemplos de personalidades políticas eram destacadas como pessoas de virtudes e modelos que deveriam ser seguidos. João de Sousa Libório ressaltava a personalidade do piauiense Martins Napoleão como modelo de político e intelectual,

A mocidade piauiense muito deve ao concurso e ação intelectual do Sr. Martins Napoleão incentivador dos moços e plasmador de caracteres. Sua

³¹ Ordem e Liberdade. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.2, 29 mar.1952, p.1.

passagem por nossas cátedras ainda está bem acêsa na memória de todos nós. Se, entretanto, os nossos figurões políticos na via bolorenta de uma politiquice menos digna, menos elevada, menos altruísta, lhe não reconheceram com espírito de justiça o seu valor próprio e inerente, reconheçamos os que não somos políticos personalistas e superficiais que a injustiça dos nossos coestadanos já foi reparada.³²

O que se percebe em *Flâmula* é que a temática da política estava associada a valores e virtudes que deveriam estar presentes nos indivíduos que regiam o país, atributos estes que precisariam ser apreendidos pela mocidade picoense para que o progresso e o desenvolvimento do país pudessem acontecer. Na seção dedicada às Notas Sociais ou próximas a elas, figuras políticas eram sempre lembradas pelo seu trabalho prestado à sociedade, recebendo homenagens do jornal.

2.2.3 Os valores e deveres sociais

As matérias de *Flâmula* que abordavam sobre os aspectos sociais buscavam caracterizar o indivíduo humano através dos ideais e percepção de mundo que os cronistas deste periódico tinham. Desse modo, a escrita acerca dos elementos presentes na vivência cotidiana era trabalhada em cima de virtudes e valores, pois através desses adjetivos os articulistas do periódico poderiam asseverar o seu discurso, garantindo sua legitimidade e projetando o que seria possivelmente aceito pelos seus leitores.

Algumas temáticas estavam próximas da realidade dos picoenses, como o trabalho, a seca, a religião, as questões de gênero, já outras tratavam sobre questões filosóficas ou correntes teóricas, como o existencialismo, o materialismo, o universalismo, o espiritualismo, mas procurando sempre estar associadas ao espaço social ao qual este discurso estava direcionado: a sociedade picoense.

É interessante notar, além das virtudes e valores, a maneira literária de como algumas dessas questões eram apresentadas nas matérias do jornal. Em artigo sobre a seca, o estudante Alfredo Albano discorria sobre essa problemática que afligia o sertanejo.

A sêca que, quase sempre, atinge o nordeste, é um dos piores flagelos. Agora mesmo, ainda estamos a sentir as suas conseqüências, ou arrepios de morte que, como um raio mortífero, fulminam muitos de nossos irmãos. Com isto, todo dia assistimos á [sic] passagem das vítimas: “OS RETIRANTES”. Como um bando de aves que procura um lugar mais aprazível para fazer seus ninhos, êles passam em demanda do nosso vizinho estado do Maranhão, procurando um local ameno para lavrar e tirar da terra,

³² LIBÓRIO, J. de Sousa. Injustiça reparada. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.12, 19 out.1952, p.1.

esta terra que tanto nos dá, mas agora insiste em ser madrasta perversa que nega tudo ao enteado, teima em não dar seus frutos a seus filhos, o pão que matará “a fome que os consome”, e os criará mais fortes para que o Brasil seja também forte, pois segundo o grande brasileiro Euclides da Cunha, “O SERTANEJO É ANTES DE TUDO UM FORTE”.

Impossível é negar que o sertanejo o seja, pois este forte que vive nas caatingas do nordeste a cultivar o solo bruto e a tirar dele aquilo que é necessário ao sustento, jamais teve a covardia de dizer-se cansado.

Empunhando a enxada, êle desperta com o sol. Vai à roça, ara-a, cultiva-a e depois vem a colheita. “Bôa terra, jamais negou a quem trabalha o pão que mata a fome o teto que agasalha.” (O. Bilac).³³

A construção da representação do espaço da seca, percebida nas palavras do estudante também caracterizava o sertanejo como um indivíduo valente, que procurava resistir às vicissitudes do sertão nordestino, trabalhando para retirar da terra o seu sustento. A recorrência a personalidades reconhecidas em âmbito nacional, como Euclides da Cunha e Olavo Bilac, reforçava essa imagem de trabalhador “forte” que era dada ao homem do campo do Nordeste brasileiro, a partir do discurso intelectual. Todavia, ainda que essa visão de tenacidade fosse dada ao sujeito campesino, não conseguia mudar a realidade na qual ele estava inserido e que, de época em época, o martirizava.

Dessa forma, o discurso presente em *Flâmula* também atuava de modo a transformar essa sensibilidade, na busca de tentar aproximá-la ao ideal que se queria desejado, onde o homem do campo pudesse se afixar a sua terra e viver do produto do seu trabalho, sem ter a necessidade de procurar outras paragens para sobreviver. Era a partir dessas ideias que Otílio Neiva Coelho criticava o governo, buscando uma solução para um problema que afligia o nordestino: o êxodo rural.

Constitui um problema crucial para o Nordeste o do Êxodo Rural. O homem do campo, vítima das secas periódicas e da falta de amparo do governo, deixa aquilo que êle mais ama: a sua terra, em demanda das miragens do sul, do El-dorado, do decantado viveiro de riquezas e de trabalho. E que encontra, depois de penosa viagem, já classificada de verdadeiro tráfico-negreiro dos nossos tempos? A desilusão, o desencanto, a perda de sua única esperança: o encontro do ambiente propício ao recomeço de nova vida!

É pungente o drama do nordestino. O Homem que rega a terra com o suor do seu rosto, e que lhe dá o melhor que possui [sic], o trabalho honesto e quotidiano, sente que a ingratidão dos homens que lhe negam amparo, é muito maior que a da terra que não lhe dá o necessário para o seu sustento e da sua família. E êle que era um eterno enamorado da gleba natal, vê-se forçado a deixá-la e suas paragens queridas!³⁴

³³ ALBANO, Alfredo. Os retirantes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.3, 12 abr.1952, p.1.

³⁴ COELHO, Otílio Neiva. Recado do Recife: êxodo rural. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.3, 12 abr.1952, p.2.

Como é percebido, Neiva Coelho se utilizou de uma expressão, “tráfico-negreiro de nossos tempos”, para representar a imagem que se tinha sobre o êxodo rural, onde o lavrador do sertão nordestino saía de sua terra para trabalhar em incertas condições, muitas vezes, precárias, nas “miragens do sul”. O que se queria, na construção daquele discurso de *Flâmula*, era que este cidadão se fixasse a sua terra, e lá vivesse, e não que, na busca de um “sonho”, procurasse prosperidade em outros espaços. Para isso, eram necessárias ações do governo que viabilizassem a sua permanência no “seu torrão”, não deixando esse agricultor sempre a espera do período chuvoso para que pudesse produzir.

De certo modo, esse interesse em manter o trabalhador do sertão, em sua localidade, estava relacionado a fatores econômicos, pois a saída deles para a região sul do país era mão de obra a menos para os proprietários de terras da localidade. Ainda que Picos tivesse, em sua maioria, famílias de pequenos produtores agrícolas, existiam aqueles grandes produtores que necessitavam desses “braços” para trabalharem em suas propriedades, mas que, sazonalmente, se retiravam para outras regiões. Não obstante, *Flâmula* buscava cumprir com seu papel social, que era atuar de forma a garantir melhorias para a sociedade a qual representava. O seu empenho estava em conseguir “[...] Trabalho em obras capazes de elidir os efeitos [da seca], se não as causas, da tremenda calamidade, e cuja direção se confie a verdadeiros patriotas, amantes do Nordeste [...]”³⁵.

A associação ao trabalho, no referido periódico, estava adstrito de valores, pois esta atividade dignificava o homem, já que era tida como um valor em si. Desse modo, as representações sobre os diversos ofícios possuíam caráter de apreço, uma vez que todas contribuíam para o engrandecimento da nação. Essa caracterização é percebida na matéria *Justa inversão de valores*, que criticava a ação de indivíduos que desmereciam determinadas profissões como se fossem sinônimos de subserviência.

Referimo-nos à justa estimação do trabalho, não apenas em seu caráter econômico, mas sobretudo no que diz com a categorização de classes sociais. A escravidão, desde seus primórdios, quando aos vencidos eram impostos os serviços grosseiros, para que os vencedores se pudessem consagrar ao manejo das armas, à arte de pelejar, aviltou o trabalho manual e, conseqüentemente, os que eram obrigados a se restringir às atividades mecânicas. Mãos finas, calçadas de luvas [...] tornaram-se indício de nobreza [...]. Enquanto que as mãos calosas [...] passaram a ser prova de servilismo, de grosseria, de desclassificação. [...] Daí porque, nas sociedades atrasadas, há quem se sinta humilhado por fazer trabalho de carregador d'água, ou de lavadeira de roupa. Cousa aliás de maravilhar entre gente cuja

³⁵ Comissão de Abastecimento do Nordeste. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.5, 10 mai.1952, p.1.

religião tenha tido por fundador um carpinteiro e como maior propagador um tecelão de pano grosseiro, feito de pêlo de camelo.³⁶

Os articulistas do jornal recorreram à história para entender o porquê de algumas profissões serem vistas com maus olhos por algumas pessoas, isso devido às representações sociais que foram imputadas a determinados ofícios no decorrer do processo histórico, pois eram escravos ou servos que normalmente as exerciam.

Flâmula procurava legitimar as diferentes ocupações a partir da valorização de determinadas atividades vistas como “degradantes”, mas que eram necessárias para a manutenção de uma sociedade com distintas classes sociais. Dessa forma, o jornal buscava enaltecer os diversos tipos de ocupação, pois, antes de tudo, eram formas de trabalho, e “todo trabalho dignifica e nobilita” o homem, segundo os articulistas. O seu discurso se utilizava da religião para legitimar os seus ideais sobre os variados tipos de atividade profissional, empregando uma figura histórica do cristianismo, para embasar tal fundamento.

O interessante a perceber é que o discurso veiculado no jornal se apropriava de elementos religiosos para ratificar os seus ideais de representação, buscando moldar a forma de atuação dos indivíduos na sociedade. Esta relação estava associada aos deveres que cada cidadão teria para com a sua pátria, pois se não cumprisse o seu papel não poderia exigir do país os seus direitos. Esse arquétipo também estava presente na formação dos alunos do Ginásio Estadual Picoense, como é percebido nas palavras do estudante Geraldo P. Deusdará.

Mesmo na ingenuidade dos meus treze anos, sinto já a formar em minha mente a idéia do que seja para um homem o cumprimento do dever, coisa que aliás, me alegra, uma vez que, sem tal requisito, seria eu uma nulidade para meu Deus, minha Pátria e minha família.

O cumprimento do dever não é um sacrifício, como muitos pensam, mas o preço a nós cobrado para que tenhamos direito, sejam êles, religiosos, jurídicos ou sociais.

[...]

Para zelar os nossos direitos, é bastante cumprirmos fielmente os nossos deveres, é procurar seguir a palavra de Deus – A Bíblia, e observar as nossas leis; obedecer aos nossos superiores; amar a Pátria e a família; sermos amigos, complacentes e caridosos; é, em suma, sermos bons filhos, bons pais e bons amigos.³⁷

As palavras do estudante Deusdará nos infere a ideia de “bom cidadão” que o seu discurso buscava representar, queria-se normalizar o padrão de conduta dos sujeitos sociais, para que, segundo os preceitos religiosos e morais, a vivência entre os seus semelhantes fosse

³⁶ Justa inversão de valores. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.5, 10 mai.1952, p.1.

³⁷ DEUSDARÁ, Geraldo P. A honra. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.7, 7 jun.1952, p.1.

mais sadia. Assim, desejava-se a formação de um cidadão responsável e de caráter que cumprisse com os seus deveres sociais. É por isso que a utilização de valores religiosos ou patrióticos era comumente usada pelos articuladores do jornal para legitimar a sua prática discursiva.

A acepção ao caráter religioso estava presente em outros aspectos sociais. Exemplo disso era o divórcio. Sousa Libório se utilizava da religião católica para divergir daqueles que aceitavam a separação conjugal como um bem para a sociedade brasileira.

Quem é católico genuíno e na acepção mais lídima do termo, jamais poderá ser divorcista. Selo-á entretanto, divorcista quem for católico apenas pró forma como se diz comumente, ou qualquer piegas que pratique religião com falsas e encapadas aparências. Tais considerações me veem à mente ao confeccionar este trabalho feito de afogadilho porque, para decepção minha, sempre ouço de certas pessoas que se dizem católicas, batem nos peitos em altos brados, que são divorcistas. Não é intento meu entretanto, menosprezar pontos de vista ferindo ou melindrando os ideais de quem que seja. Sinto-me no entanto, com o direito de fazer advertências, nesta hora de materialismo despudorado em que vivemos, a todos os católicos concios dos seus deveres e responsabilidades. Não pode haver maior incoerência do que ser católico e divorcista concomitantemente, porque assim, feriremos, “in totum”, aquele velho postulado da Igreja Romana que sempre pregou e se bateu pela “indissolubilidade” do vínculo conjugal.³⁸

Nas palavras de Sousa Libório, aquele que fosse realmente católico jamais iria contra os preceitos da Igreja, pois estaria infringindo as premissas da Igreja Católica. O matrimônio, segundo o ideal religioso, era tido como um sacramento, e a sua dissolução afetava diretamente a família, que, conforme Luciana de Lima Pereira, “[...] era célula primaz, tanto religiosa quanto social e que a sua supressão seria a causa da desordem e decadência moral e social”³⁹. Desse modo, o autor do texto se utilizava de um discurso religioso para afirmar a sua colocação, isto é, o uso de dogmas ou de verdades religiosas para legitimar o seu fundamento.

Segundo Orlandi, no discurso religioso, “há uma relação espontânea com o sagrado”⁴⁰, e isso é percebido na elocução de Sousa Libório e do estudante Geraldo P. Deusdará, uma vez que eles o empregavam para afirmar os valores morais que queriam transmitir à mocidade ou

³⁸ LIBÓRIO, J. de Sousa. O divórcio e a consciência católica brasileira. *Flâmula*, Picos (PI). Ano II, n.14, 18 jan.1953, p.1.

³⁹ PEREIRA, Luciana de Lima. Família, retrato de Deus na terra: a construção da ordem social da Igreja. In.: _____. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). 2008. 242f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 165.

⁴⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. Op. cit. p.246-247.

sociedade picoense de então. Isso em voga estava relacionado a uma mudança nos costumes culturais e comportamentais que vinham ocorrendo durante a década de 1950.

A necessidade de se manter os valores morais já existentes era uma preocupação dos articulistas de *Flâmula*. Em face das transformações que iriam ocorrer nesse período devido ao desenvolvimento industrial e tecnológico e as mudanças de pensamento, havia uma apreensão sobre as modificações que atingiam o campo social interferindo nas relações entre os indivíduos. Para o professor Acilino Leite, essa nova realidade que surgia deixava de lado as virtudes e os ideais de espírito que todo cidadão deveria possuir.

Eis um pensamento que está em perfeita consonância com nossos dias. Vivemos uma época em que o realismo na sua mais rude expressão, dominando a tudo e a todos, não cede lugar aos suaves devaneios do espírito. [...]

Mergulhado nesse cenário angustiante, onde não medra a dulcíssima paz nem a ingênua alegria, a única preocupação do homem é sobreviver às contingências do momento; é lutar sofregamente pela conquista de um lugar ao sol, embora que, para tanto, seja necessário tripudiar sobre os direitos de seus semelhantes, negar a verdade ou abraçar o crime. Numa palavra, o homem se desespirtualiza.[...]

Daí os terríveis males que nos afligem, parecendo arrastar tudo para o nihilismo e a destruição.[...] ⁴¹

Nas palavras do professor Acilino Leite, o ser humano estava deixando de lado a sua “essência” religiosa, que era importante na sua formação de caráter e responsabilidade, e partindo para uma ação mais individualista, que não respeitava o outro no seu direito e apenas buscava-o bem para si. Dessa forma, esse sujeito estava imbuído de “maus valores” e isso se dava em decorrência das mudanças e transformações sociais que estavam ocorrendo.

Uma questão interessante era a percepção que os cronistas de *Flâmula* tinham sobre as filosofias e correntes teóricas que estavam em debate na época e exerciam influência no pensamento da sociedade. Através disso, notamos que havia uma leitura dos escritos de filósofos e teóricos no processo de formação dos articuladores do jornal, isso em vista dos métodos de instrução provenientes do ensino secundário que visava à construção do indivíduo mais voltada para ciências humanas. A exemplo disso, Antônio Marques faz uma análise sobre o Existencialismo, principalmente na figura de Jean Paul Sartre.

A imoralidade inata do Existencialismo difundido por Sartre transparece bem na sua vasta bagagem literária, como acontece em seu livro “LE MUR”,

⁴¹ LEITE, Acilino. Presente versus passado. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.1.

verdadeiro compêndio pornográfico, incontestável agente na desagregação da família.

Felizmente, com o dorrer [sic] dos tempos, verificaremos infalivelmente cair no ostracismo essa crença de duração efêmera. [...] ⁴²

A representação que Antônio Marques tinha sobre a filosofia do existencialismo de Paul Sartre, que buscava entender a liberdade e existência do ser humano, pode ter sido interpretada e associada às questões morais e aos considerados bons costumes da época, os quais estavam presentes no processo de formação intelectual e cultural do cronista. A indagação sobre a liberdade que Sartre tratava em sua obra, *O Muro*, em vários aspectos do social, fez Marques relacioná-la a fatores ignominiosos, que afetariam diretamente aos valores da família tradicional.

Esses valores morais também estavam presentes em sua associação às questões de gênero, como no caso da mulher. A representação que se tinha da figura feminina, nesse período, estavam ligadas à família tradicional, onde as funções sociais a ela destinadas seriam a de mãe, dona do lar e esposa, que tinha por incumbência a obrigação de cuidar do marido e dos filhos ⁴³. Essa imagem pode ser percebida na poesia *Mulher Moderna*, de Lourenço Campos.

MULHER MODERNA ⁴⁴

Com rapaz rico
Casou-se ela!
“Mulher feliz”
Muitos diziam!
 E ela a sorrir
 Com o seu triunfo,
 Dizia sempre:
 “Eu sou moderna”!
Meses depois,
Sentiu alguém
A segredar-lhe:
– Mamãe, cheguei,
Aqui estou
Quero existir,
Quero o teu beijo!
 Mas, a granfina,
 A gargalhar
 Cínicamente,
 Vai à farmácia
 E de lá volta

⁴² MARQUES, Antônio. Sartre e o Existencialismo. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.3.

⁴³ PEREIRA, Luciana de Lima. Op. cit.

⁴⁴ A poesia *Mulher Moderna*, do poeta picoense Lourenço Campos, foi alocada em dois números de *Flâmula*, nº 11 e 12 respectivamente, o que nos deixa perceber o interesse dos articuladores do jornal em deixar um suspense no leitor sobre o desfecho da referida poesia.

Com um embrulho,
 E no caminho
 Põe-se a cantar:
 – Bebé loirinho!
 Aqui eu levo
 Neste frasquinho
 O que pediste:
 É o beijinho
 Que vou te dar...
 Dá...ra...la...la...
 Tu me ouviste?"
 Meses depois,
 Vem o abôrto,
 Conta a malvada
 As amiguinhas
 Seu proceder!...
 – “Mulher feliz”!
 Algumas loucas
 Ainda louvam
 A triste ação!...
 E ela a sorrir
 Vitoriosa!
 – “Eu sou moderna”!...⁴⁵
 Passado um ano
 Anda a esmolar
 A infeliz!
 E já sem forças,
 Para andar,
 Cai numa gróta,
 Enlameada.
 O molecório
 Grita a valer:
 – “A Chica doida
 Escorregou...
 Está “moderna”,
 Mudou de traje”!
 E a pobre Chica,
 Ensanguentada,
 Já semi-morta
 Vê no delírio
 Uma criança
 A acusá-la:
 – Tu, mãe perversa,
 Que ai estás
 Sujando a lama!...
 Se eu existisse,
 Num palacete
 Hoje estarias!...
 Fica-te aí.
 Monstro sem alma,
 Mulher moderna,
 Tu me mataste,
 Mataste a ti...

⁴⁵ CAMPOS, Lourenço. Mulher moderna. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.11, 21 set.1952, p.4.

Só lá no inferno
Serás “Moderna”!⁴⁶

Na poesia, Lourenço Campos deixa perceber a representação acerca dos costumes e valores morais que se idealizava sobre a mulher. Há uma desaprovação sobre a atitude “moderna” feita pela personagem na poesia, onde esta pratica o aborto, e por isso era ultrajada socialmente, comparada a um “monstro sem alma”, mais imunda que a própria imundície, quando o autor diz que ela está “sujando a lama”. Esta imagem estava associada aos valores religiosos da família tradicional cristã que eram contrários ao aborto, e também por esta prática ser punível em lei como crime contra a vida humana. Assim, o comportamento feminino era regulamentado por virtudes morais e religiosas que estavam atinentes à sociedade picoense da década de 1950.

Flâmula em sua configuração, e como já abordado anteriormente, buscava idealizar sobre várias temáticas: educacionais, políticas, sociais, e a partir delas procurava apresentar suas representações como elementos necessários para o progresso e desenvolvimento do país. Mas, ainda que tratasse de diversos temas de forma “neutra”, como afirmava Alberto Nunes, deixava perceber os valores elitistas propugnados pelos seus articulares, excluindo, em seu discurso, os mais humildes. Isso pode ser percebido em suas *Notas Sociais*, onde sempre era dado destaque a personalidades políticas, religiosas ou de relevância econômica na sociedade picoense, piauiense e brasileira. Dessa forma, mais que atuar como um órgão literário e noticioso, *Flâmula* contribuía para reiterar os valores e morais vigentes da família tradicional brasileira.

⁴⁶ CAMPOS, Lourenço. Mulher moderna. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.12, 19 out.1952, p.3.

3 COLUNA *MEU CANTINHO*: Alberto Nunes e as representações sociais em *Flâmula*

A Coluna *Meu Cantinho* foi um espaço do jornal estudantil *Flâmula* que tratava sobre diversos temas. O responsável por suas publicações era o inspetor do Ginásio Estadual Picoense, Alberto Nunes¹, que neste “cantinho” apresentava opiniões sobre as mais diversas temáticas buscando associá-las à realidade social picoense da década de 1950, com vistas a incentivar a formação de um caráter cívico baseado em valores sociais, morais, éticos, religiosos e patrióticos, no intento de contribuir para o desenvolvimento e progresso da nação brasileira.

Nas quatorze edições de *Flâmula* que aqui foram trabalhadas, a coluna *Meu Cantinho* aparece em nove delas. Essa regularidade de publicações nos dá a percepção de importância que esta possuía para o jornal, pois, além de ser um espaço de proximidade com o leitor, a coluna também era uma força representativa dos ideais do periódico. Outra forma de interpretação pode ser vista pelo valor intelectual que o indivíduo Alberto Nunes possuía no meio educacional e social picoense. Por ser autodidata e nunca ter passado por uma formação oficial², Nunes poderia ser percebido como um modelo a ser seguido pelos estudantes do Ginásio de Picos, já que havia conseguido vencer na vida através de sua dedicação aos estudos. São por esses fatores que a coluna *Meu Cantinho* poderia ser considerada como um espaço significativo de representação dos ideais transmitidos pelo literário e noticioso estudantil.

3.1 A coluna *Meu Cantinho*

Com o objetivo de tratar sobre interesses gerais, as crônicas escritas por Alberto Nunes procuravam relatar sobre diversos aspectos, como a educação, a religião, o trabalho, a seca, procurando relacioná-los as vivências cotidianas dos picoenses. As nove publicações de *Meu Cantinho* foram as seguintes: *Novos Horizontes*, *Os índios*, *A tragédia do calvário*, *Sursum Corda*, *O dia do trabalho*, *Betinho*, *O dedo de Deus*, *Frutos do Ginásio* e *Fabíola*.

¹ Alberto de Deus Nunes nasceu em 25 de abril de 1913 na localidade Lagoa Grande, zona rural de Picos. Era autodidata e ocupou cargos importantes na administração pública. Foi poeta, professor, escritor, jornalista, filantropo. Fundou o jornal *A Ordem* na década em 1950. Ver: História: Alberto Nunes - poeta atrás de reconhecimento. *Revista Foco: Perfis*. Picos (PI), 2006, p.36-37.

² Segundo Douglas Moura Nunes, seu pai, Alberto Nunes, nunca frequentou uma escola, devido as dificuldades e a carência de ensino em Picos no início do século XX. Este aprendeu a ler e escrever sozinho. In: NUNES, Douglas Moura. *Entrevista concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida*. Picos (PI). 17 mar.2013.

Interessante perceber como as representações presentes nas crônicas de Alberto Nunes pretendiam exercer influência na forma de pensar e agir dos seus leitores, e, em certa medida, propunham-se a propagar os valores sociais apreendidos no discurso do inspetor do Ginásio. Com base nestes aspectos, em sua primeira coluna, de título *Novos Horizontes*, Alberto Nunes procurava destacar o valor da ação estudantil picoense - que estava empenhada na publicação do jornal, *Flâmula* -, como atividade importante para o desenvolvimento de uma cultura civilizada na cidade de Picos.

Uma plêiade de jovens se lança, apaixonadamente, às lides jornalísticas para que Picos não seja mais uma negação e uma mentira em matéria de civilização. Êsses jovens venceram dificuldades de toda sorte e têm hoje concretizado o grande sonho, no mais belo exemplo de tenacidade e fôrça de vontade. É que palpita uma alma nova imposta pelo Ginásio. Esboça-se uma transformação e recuperação dos valores espirituais de nossa gente. De Miguel Lidiano a Vidal de Freitas tivemos uma estagnação educacional e moral sobremodo sensível na estrutura da nossa sociedade. Agora abrem-se novos horizontes e é bem prometedora a mentalidade que surge.

FLÂMULA aparece como resultante dessa metamorfose espiritual e se destina a formar barreira à resistência retrógrada do meio ambiente, desacostumado a idéias novas. Sim, Picos precisa formar com os demais municípios brasileiros em que o surto da imprensa é um fator decisivo de progresso. Basta de viver “deitado eternamente em berço esplêndido”, quando se sabe que este “berço” tem sido apenas para meia dúzia de picoenses.³

As palavras de Alberto Nunes davam destaque ao valor da imprensa como elemento contributivo para a formação de uma intelectualidade e civilidade, e ressaltava, mais ainda, os sujeitos responsáveis por esse empreendimento, os alunos do Ginásio Estadual Picoense. A presença do jornal estudantil viria a colaborar para uma “transformação e recuperação dos valores espirituais”, que, segundo o cronista, estavam carentes na sociedade picoense de então. A instituição de ensino secundário procederia, assim, a concorrer para a formação de uma “alma nova” pautada em virtudes morais enobrecedoras do cidadão e valorizadores da pátria.

Por ser inspetor de um estabelecimento educacional e por, também, já ter atuado como professor em estabelecimentos particulares de ensino, Alberto Nunes apresentava, em seu discurso, a instrução como elemento importante para o futuro da mocidade estudantil. O Ginásio Estadual Picoense era, então, o caminho pelo qual a juventude de Picos teria que passar para ter triunfo em sua vida profissional. Na Coluna *Meu Cantinho*, em matéria intitulada de *Frutos do Ginásio*, o escritor expõe essa representação:

³ NUNES, Alberto. *Meu Cantinho: Novos Horizontes. Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.3.

Merece especial atenção a aprovação, em recente concurso do Banco do Brasil, do jovem Albertino Leal Barros.

[...]

Ser bancário hoje em dia é ser um favorito de sorte. É ter a subsistência assegurada com vantagens excepcionais para o resto da vida; é vencer, de um modo brilhante, os entraves da pobreza; é atingir a um elevado padrão de vida sem os rodeios de academias e sem os sacrifícios que aqueles rodeios acarretam; é subir a uma alta categoria social que só os milhões da Loteria Federal poderiam conquistar. Ser bancário é algo superior na vida, é valer mais do que um funcionário público, é sobrepujar até alguns doutorzinhos de “meia tigela”. [...] Vencer com dignidade e heroísmo, é algo extraordinário que só o Mérito consegue.[...]

Cabe aqui a minha homenagem ao Ginásio Estadual Picoense. Albertino é produto daquele educandário. Sem êle, Albertino não teria sido aprovado no concurso do Banco, é claro. [...]

Venceste, Albertino, porque estudaste e estudastes porque temos um Ginásio. Como te seria difícil vencer sem êle!...⁴

A aprovação do estudante Albertino Barros foi exemplo desse ideal de instrução ao qual Alberto Nunes se referia. A dedicação ao estudo era a chave para se ter mérito na vida, ter ascensão social e vencer a pobreza que atingia a muitas famílias picoenses. O Ginásio aparecia como elemento impulsionador das virtudes dos estudantes e de suas capacidades intelectuais, pois, como colocava Nunes, foi graças a essa instituição que o estudante conseguiu passar no referido concurso do Banco do Brasil.

Na matéria publicada na coluna, de título *Frutos do Ginásio*, além do ideal de educação, outro aspecto interessante a ser destacado é o *status* dado à profissão bancária. Para Alberto Nunes, o ofício bancário estava associado a um “elevado padrão de vida”, a uma “alta categoria social”, características estas que estavam relacionadas àqueles indivíduos de alta condição ou a elite. Destarte, a representação tida sobre este ofício estava relacionada ao reconhecimento social que poderia possuir na sociedade picoense da década de 1950, tida como fator distintivo do indivíduo e pela remuneração financeira que proporcionava. Além disso, esta publicação poderia ser entendida, também, como uma resposta de Alberto Nunes a alguns sujeitos que se sobrepujam por pertencer a um alto estrato social ou por possuir uma maior formação acadêmica, quando diz que a função bancária “é sobrepujar até alguns doutorzinhos de ‘meia tijela’”. Mais que se referir ao mérito alcançado pelo estudante Albertino Barros pela sua dedicação ao estudo e aprovação no concurso, o cronista procurava defender a sua imagem, pois, conseguira vencer na vida sem passar por um processo de escolarização oficial, mas estudando sozinho, dedicando-se à instrução.

⁴ NUNES, Alberto. Meu Cantinho: Frutos do Ginásio. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.9, 03 ago.1952, p.2.

Nos escritos do inspetor Alberto Nunes há, quase sempre, a recorrência a elementos religiosos associados a valores morais. Isto pode ser entendido devido à influência que os ensinamentos do catolicismo tinham em sua vida. Como assíduo frequentador da Igreja, buscava repassar os ideais desta crença aos seus filhos, como é destacado por um deles, Douglas Nunes⁵.

Meu pai era muito católico. Meu pai sempre todos os domingos [ia] na Igreja. Ele nos obrigava. Aí eu digo que ele nos obrigava, a ir pra Igreja todo domingo. Todos nós tínhamos a nossa roupa domingueira. Chegando o domingo, 8 horas da manhã, todo mundo vestidinho, todo mundo pronto pra ir pra Igreja. [...] Mas meu pai era muito católico, muito católico mesmo. E ele falava. Ele falava bem da bíblia. Ele conhecia tudo da bíblia.[...]⁶

Este fator religioso era recorrente no discurso do inspetor, pois em função dessa ideologia⁷ Nunes buscava representar os seus ideais em sua escrita. Diferentemente dos valores ressaltados pelos demais articulistas de *Flâmula*, mais associados às virtudes proporcionadas pela educação e que era reforçada pela formação humanística do ensino secundário, presente no Ginásio Estadual Picoense, as publicações de Alberto Nunes incorporavam também os saberes adquiridos de sua formação catolicista. Isto pode ser entendido pela fala de seu filho, ao afirmar, várias vezes, que o seu pai era “muito católico” e praticante assíduo desta religião. Era por isso que o cronista, muitas vezes, recorria a forma de percepção do mundo para tentar entender alguns problemas que, para ele, assolavam a humanidade nessa época. Na coluna de matéria intitulada de *Sursum Corda*, o inspetor questionava a falta de uma moral que acometia aos cidadãos naquele momento.

Cair é próprio do homem. Só não cái a Perfeição absoluta, Deus.
As quedas morais são reparadas, entretanto, com o remédio espiritual do arrependimento sincero, guinado ao desejo ardente de uma nova diretriz, um novo “modus vivendi”, um novo “eu” nos negócios, amizades e divertimentos.
Arrependimentos desta natureza recompõe o homem, moral e espiritualmente, elevando-o no conceito de seus semelhantes e santificando-o aos olhos de Deus.
Mas, infelizmente, rareiam estas conversões. O homem cái e não mais se esforça por reerguer-se. Vai grassando uma onda de irresponsabilidade

⁵ Douglas Moura Nunes é filho de Alberto de Deus Nunes. Nasceu em 5 de junho de 1951, em Picos-PI, na rua Francisco Santos, onde viveu até os dois anos de idade. Foi morar em São Simão, interior de São Paulo, em decorrência do pedido de transferência de seu pai, que era Coletor Federal, retornando a Picos somente no ano de 1968.

⁶ NUNES, Douglas Moura. *Entrevista concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida*. Picos (PI), em 17 mar.2013.

⁷ PINTO, Milto José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

profissional em nosso país, em todo mundo, à medida que o mundo foge de Cristo.

Quedas e mais quedas morais sem nenhuma reparação, dão exatamente nisto: confusão, perturbação de ordem, desconfianças, desagregações, degenerescências, suicídios, anarquias, destruições e morte – porque nada fica sem compensação.

[...]

E nunca se viu no Brasil tão impressionante desastre, como agora. O Presidente Vargas veio em boa hora, enfrentar a situação. Mas a questão transcende o humano poder. É de natureza espiritual. Deriva das quedas morais irreparadas. Somente voltando a Deus o homem pode resolvê-la.⁸

Para Alberto Nunes, esta falta de credence do ser humano quanto aos ensinamentos de Deus era a causa responsável pelos problemas sociais que afetavam a humanidade e o Brasil naquele momento. O individualismo do homem em tentar alcançar os seus objetivos sem pensar no outro e, principalmente, em Deus, causava a arrogância e os conflitos que existiam entre as pessoas. Era necessário que o homem seguisse aos mandamentos presentes na Bíblia, pois, com a sua obediência poderia se reerguer moralmente frente à imagem divina do Senhor, e, caso isto não ocorresse, sempre tenderia ao fracasso. Era por isso que, apesar de o inspetor ressaltar a ação política do presidente Vargas, em virtude de sua imagem como administrador público que possuía no Brasil naquele período, os valores religiosos eram tão importantes para Alberto Nunes quanto os ideais da instrução, pois os verdadeiros problemas que afligiam o cidadão eram de ordem “transcendental”, ultrapassavam a esfera humana. Dessa forma, somente a ação do homem não seria capaz de resolver os problemas sociais que existiam.

A ligação de Nunes com as vias religiosas estava presente também em sua aptidão de poeta e escritor. A coluna, igualmente, era espaço de publicação de prosas, às vezes adaptadas de outras matérias, para relatar fatos onde a presença da fé e outros valores surgem como elementos que dignificam o homem.

Na coluna com matéria intitulada *O dedo de Deus*, Nunes trabalha poeticamente um fato ocorrido no Ceará, mas uma realidade próxima a da sociedade picoense. Em sua narrativa, o inspetor descreve sobre a vida de Feliciano Pereira, pobre lavrador do sertão nordestino, que estava passando por uma situação de miséria. Sem ter nada para alimentar a mulher e seis filhos, passa a se questionar sobre sua honestidade quando outros agem “maldosamente” em benefício próprio. Assim, decide roubar o seu compadre Júlio, dono de grandes terras e que vivia abastadamente junto com sua filha Joana, órfã de mãe. Ao saber que Júlio sairia em viagem e deixaria as terras aos seus cuidados, pretende roubar seu compadre nessa oportunidade. À noite, invade a casa de Júlio e ameaça Joana, que pede

⁸ NUNES, Alberto. Meu Cantinho: Sursum Corda. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.5, 10 mai.1952, p.3.

socorro a Deus. Feliciano diz que a matará, caso ela não entregue o dinheiro de seu pai. Diante da recusa dela, Feliciano decide enforcá-la. Ele sobe numa pilha de caixas, prepara a forca, mas, ao testá-la, acaba enforcando a si mesmo⁹.

Para Alberto Nunes, o infortúnio de Feliciano foi uma ação divina em defesa de Joana, foi o “dedo de Deus” que a protegera. Essa narrativa, baseada em um acontecimento real, procurava ressaltar os valores religiosos que, para o inspetor, deveriam ser inerentes a todo ser humano. Desta forma, Nunes recorre a um discurso religioso¹⁰ para construir o seu ideal de valor, onde a honestidade deveria prevalecer em qualquer situação.

O que nos deixa dúvida na narrativa de *O dedo de Deus*, é o porquê de Alberto Nunes não questionar a péssima situação de vida de Feliciano Pereira, mas somente rejeitar a sua ação de desonestidade. Ainda que apresentasse várias realidades que o pudessem indignar, o inspetor não contesta por melhorias de condições de vida do pobre lavrador sertanejo. Isto entra em contraste com o ideal representativo das publicações dos outros articulistas de *Flâmula*, que buscavam atuar de forma a trazer melhorias também no plano do social, como já fora analisado no segundo capítulo.

Uma possibilidade desse não questionamento social por Nunes poderia estar relacionado à conformidade religiosa. O indivíduo reza à Deus pedindo conforto e saúde, procurando mudar a sua realidade material através do trabalho. A narrativa de *O dedo de Deus* também poderia ser apreendida pelo seu caráter pedagógico. Alberto Nunes se utilizava de pequenas narrações para destacar os valores religiosos, atraindo, assim, a atenção dos leitores para essa temática.

O tema sobre o trabalho também aparecia nas publicações de *Meu Cantinho*. Como trabalhador, Nunes procurava destacar a importância deste indivíduo para o engrandecimento do país. Na coluna com matéria de título *O dia do trabalho*, o inspetor abordava sobre a importância dessa data como uma conquista de todos os trabalhadores.

O dia 1º de Maio é uma data eminentemente populista.
Dedicada ao Trabalho, ela exalta o trabalhador dos campos, das fábricas, dos escritórios e de todos os ramos da atividade humana.
É uma homenagem pública a todos os que exêrcem qualquer profissão. É, portanto, uma data do povo que trabalha, que produz e que enriquece uma nação.
[...]

⁹ NUNES, Alberto. *Meu Cantinho: O dedo de Deus*. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.8, 19 jul.1952, p.2.

¹⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 249-250.

De escravos feudais, humilhados e deprimidos, passaram os operários a altivos e conscientes baluartes do progresso e da grandeza material do mundo.

Não se sujeitam mais ao azorrague do feitor perverso, nem se curvam ao império de quem quer que seja. Têm direito a greve, ao repouso remunerado e muitas coisas mais.

Há uma consciência populista em efervescência. O povo evolue e já constitui uma força ponderável na senda de suas conquistas. [...] O povo começa a ter consciência de sua responsabilidade da nação e do continente. Esboça-se uma civilização positivista, fundamentada no cooperativismo cristão e nos sentimentos de respeito e religiosidade do nosso povo, que resolverá, com certeza, os nossos problemas sociais.¹¹

Nas palavras do inspetor do Ginásio, o Dia do Trabalho era um momento que representava o ideal de trabalhador, indivíduo que atuava em prol do engrandecimento de sua nação. Este havia conseguido superar vários embates na busca de seus direitos, tornando-se, assim, elemento chave para que o progresso do país pudesse acontecer. Através do seu esforço diário e de sua constante luta por melhores condições de trabalho, o dia 1º de maio torna-se, então, o instante representativo das batalhas vencidas por esta classe.

O discurso do inspetor buscava criar um ideal de trabalhador unido, baseado nos preceitos da religião cristã, onde este sujeito social procuraria agir conjuntamente com os seus iguais com vistas a tentar resolver as adversidades que atingiam a pátria naquele momento. Desta maneira, Nunes procurava evidenciar a figura do povo como uma força coletiva de igual valor e tamanho às elites do país e aos governantes, pois era capaz de mudar os rumos da nação, desde que os seus integrantes atuassem conscientemente e com responsabilidade em suas funções.

A matéria intitulada *O dia do trabalho* nos apresenta, ainda, de certo modo, a visão que Alberto Nunes tinha sobre os acontecimentos que ocorriam no Brasil naquele instante. Ao explicar sobre o valor que o trabalhador ganhou com o passar dos anos, surgindo como uma força política, Nunes os caracterizava em uma consciência de classe. Isto pode ser percebido na palavra “operários”, ao relatar sobre a elevação da imagem do trabalhador. Assim, o inspetor nos remete a um indivíduo que não estava presente na sociedade picoense da década de 1950, mas sim a um cidadão que estava envolvido em questões sociais de cidades mais industrializadas, como São Paulo ou Rio de Janeiro, estando, desta forma, ligado a assuntos que se encontravam em evidência no país. Isto também poderia ser apreendido pelos discursos do trabalhismo de Vargas que exaltavam o trabalho e a figura do trabalhador.

¹¹ NUNES, Alberto. Meu Cantinho: O dia do trabalho. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.6, 24 mai.1952, p.2.

A religião, como já apresentado acima, era componente presente nos discursos de Alberto Nunes, pois o ideal de moral desta crença representava as virtudes e valores que o inspetor desejava repassar aos seus leitores. A solidariedade, a responsabilidade, a cooperação, o respeito eram qualidades advindas dessa religiosidade, e apareciam como solução para os diversos problemas e desvios da humanidade. Em sua última coluna, Nunes apresentava diversas atitudes que considerava errôneas pela personagem Fabíola, título desta pequena prosa, e que, de certa maneira, expressavam atitudes que não deveriam ser seguidas pela mocidade picoense.

FABÍOLA

Em pleno carnaval, quando se perdia a noção das coisas sérias e não se admitia nenhum preconceito dignificante, estuava a cidade de Fortaleza, em 1934, na devassidão incontida dos instintos carnavais.

Eu assistia, surpreso, aquela alegria desmedida e despudorada, pela primeira vez. Gostava e ria de alguma coisa menos grave, mas esfregava e arregalava os olhos para os blocos nudistas, homens, mulheres descompostas, custando a crer no que via. Álcool, éter, serpentinas e bizarras fantasias se completavam, esfuziantemente, na dominação dramática da matéria.

Fabíola, jovem dotada de rara beleza, fascinada pela ideia de gôso daqueles três dias, entregava-se inteiramente às loucuras dos bailes de máscaras, ora com um, ora com outro parceiro, bebendo, fumando, etc.

Moça inteligente, porém muito leviana e autoritária, fazia o que bem queria. Seus pais viviam chorando e rezando pela filha desobediente, nada alcançado que os confortasse. Fabíola era o tipo completo de moça independente, namoradeira, vaidosa e banal. Gastando o dinheiro dos pais, que eram abastados, gosava as “delícias” da vida, na exuberância dos seus dezoito anos.

Araves [sic] de um amigo conheci, de perto, essa moça moderna. Frequentei a sua casa, acompanhado desse amigo que, por infelicidade, chegou a noivar-se com ela. Mas, conhecendo aquele ambiente estranho ou irreverente, não mais voltei lá, tendo aconselhado ao meu amigo a fazer o mesmo. Anésio, entretanto, não me ouviu e, agora, no corso carnavalesco, lá vem êle junto à sua bem-amada.

O baile de máscara foi o fim do noivado. Anésio perdera de vista a formosa companheira para encontra-la, vinte e quatro horas depois, nos braços de um “pierrot”, num baile de subúrbio. Alucinado, Anésio gritou:

– Fabíola! Fabíola!

A jovem simulou indiferença, mas a máscara era bem conhecida. Anésio avançou em gritos abafados pelo barulho ensurdecedor das canções de Momo,

– Fabíola, não me conheces?!

O “pierrot”, soltou um berro, desesperado-

– Quem é Fabíola aqui, quem é que o senhor chama? Vamos, diga!

– Essa moça, senhor, é minha noiva! Solte-a, senão eu os mato! ameaçou, delirando, o pobre Anésio.

Fabíola tentou fugir, mas foi impedida pelo “pierrot”, que a conduziu, juntamente com Anésio, a uma dependência [sic] reservada.

Descobriu-se, ali, uma grande desgraça:

– Antonio!

– Fabíola!

Combinaram os três tirarem as máscaras, para Fabíola [sic] desmaia com a presença de Antonio, seu irmão e seu querido “Pierrot” de vinte e quatro horas...

A bela e frívola jovem foi mandada para Casa do Bom Pastor e Anésio entrou para o Seminário de Fortaleza. Não sei se ordenou, mas sei que Fabíola mudou muito.

O acaso quiz que eu a visse maravilhosamente transformada.

Vinha eu viajando do Rio de Janeiro para a Bahia, conhecendo as delícias de uma viagem a bordo, em alto mar, quando, sobrevindo um temporal, muitos dos passageiros procuraram recolher-se aos seus camarotes, apreencivos.

Fiquei, porém, numa sala onde havia algumas pessoas rezando o terço, inclusive duas freiras.

Rezei. Pensava em minha esposa, meus filhos, meus pais. Mas, sinceramente, não temia muito aquilo. O navio, o Paquete “Pará”, subia e descia nos vagalhões das águas. Confesso que até achava lindo aquele espetáculo inédito para mim. O açoite das vagas era tão forte que molhava o tombadilho e quase virava o grande, o imenso barco.

Felizmente se foi amainando a tempestade e tranquilizaram-se os passageiros. Foi quando eu vi uma criatura bem conhecida, uma criatura que me fora apresentada em Fortaleza, há quatorze anos atrás, vi Fabíola. Era freira vicentina. Vinha acompanhada de sua veneranda mãe, d. Carolina.

Na Casa do Bom Pastor regenerara-se e de lá saíra para o convento. Não me atrevi a falar-lhe para não lembrar o passado.

Mas como Fabíola deve sentir-se agora tranquila e feliz!...¹²

Já no primeiro parágrafo da prosa, o inspetor, na personagem do narrador, apresentava a imagem de carnaval que tinha: era um evento desprovido de uma concepção de seriedade, onde os “preconceitos dignificantes” não eram aceitos e os indivíduos estavam sujeitos à “devassidão incontida dos instintos carnavais”, ou seja, o carnaval era um local de obscenidade, lugar de práticas sociais que iam contra os valores e ideais da religião cristã. Podemos entender pela não aceitação da expressão “preconceitos dignificantes”, que a representação sobre o “carnaval” era de um espaço de equidade entre os sujeitos que deste participavam. Todavia, ainda que este espaço de sociabilidade fosse frequentado por indivíduos das mais diversas classes, a fala do narrador nos apresenta a existência de um certo desprezo daquelas pessoas pertencentes a uma alta classe social com os mais humildes economicamente, ou que não expressavam um comportamento que seguisse os valores morais da época.

Ainda que o carnaval pudesse proporcionar momentos de descontração e alegria, era uma ocasião em que as atitudes vis do ser humano estavam presentes, como era mostrado pelo narrador: “esfregava e arregalava os olhos para os blocos dos nudistas, homens, mulheres descompostas, custando a crer no que via”. Assim, para o narrador, era também um espaço de libertinagem, onde comportamentos amorais estavam à vista de seus participantes. Outros

¹² NUNES, Alberto. Meu Cantinho: Fabíola. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.10, 31 ago.1952, p.4.

vícios igualmente apareciam, como o álcool e o éter, contribuindo para a propagação de comportamentos que fugiam ao ideal de moral e virtude que Nunes e os articulistas de *Flâmula* queriam realçar na mocidade picoense.

A caracterização da personagem Fabíola poderia ser entendida como imagem representativa deste acontecimento social: “Fabíola, jovem dotada de rara beleza, fascinada pela ideia de gôso daqueles três dias, entregava-se inteiramente às loucuras dos bailes de máscaras, ora com um, ora com outro parceiro, bebendo, fumando, etc”. O carnaval poderia ser visto, então, pelos jovens como um acontecimento encantador e apaixonante, que os levaria à prática de atitudes inadequadas, que não seguiam o conceito de honra e valor propagados pelo inspetor do Ginásio nas colunas de *Meu Cantinho*. Desta forma, era um momento em que ser humano se entregava às “delícias da vida”, e deixava de seguir os preceitos e ideais que a religião cristã buscava repassar aos seus seguidores.

A imagem criada sobre a personagem Fabíola também era evidenciada como de má filha. Ainda que fosse caracterizada como inteligente, o narrador a destacava como moça “leviana e autoritária” e “filha desobediente”. Estas expressões, apresentadas por Alberto Nunes em sua pequena prosa, poderiam ser entendidas como uma personificação negativa de estudante. Ainda que a representação de aluno estudioso, que se dedicava à instrução, fosse ressaltada em *Flâmula*, de nada valeria se o estudante fosse desobediente e não seguisse às ordens de seus pais.

O adjetivo de “moderna”, dado pelo narrador à Fabíola, estava associado a uma imagem negativa de mulher. Nesse período, a função social feminina estava ligada a valores tradicionais¹³, e essa “modernidade” de Fabíola, quando esta era caracterizada como “independente, namoradeira, vaidosa e banal”, ia de encontro a esses ideais. É interessante perceber como Nunes trabalhava essa questão de gênero. Pode ser entendido que a mulher deveria se comportar de acordo com as normas morais e de comportamento da família tradicional brasileira, muito ligada aos preceitos católicos, presente no discurso do inspetor. Essa representação negativa de Fabíola poderia ser compreendida como uma forma de Nunes conceber um ideal de comportamento aos jovens picoenses da década de 1950, ao apresentar estas “qualidades” como atitudes indignas do indivíduo. Era por isso que o narrador, na prosa, aconselhava Anésio a se distanciar de Fabíola, pois esta poderia causar infortúnios na vida de seu amigo. Mas por que Alberto Nunes escolhe justamente uma personagem feminina para

¹³ PEREIRA, Luciana de Lima. Família, retrato de Deus na terra: a construção da ordem social da Igreja. In.: _____. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). 2008. 242f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2008.

representar esses valores? Uma forma de análise pode estar associada ao ideal de mulher que era tido no período: deveria ser casta, dona do lar, obedecer ao marido, cuidar filhos. Por Fabíola não seguir esses ideais, Nunes buscava relacionar a imagem desta personagem à valores, para ele, considerados negativos¹⁴.

Por não seguir esta recomendação, Anésio terminou por se decepcionar com as atitudes de Fabíola, que o traiu no carnaval com o irmão dela. Desse modo, os dois recorreram à religião para repararem o erro cometido.

Alberto Nunes destacava a “Casa do Bom Pastor” e o “Seminário” como elementos que ajudavam o ser humano a se corrigir moral e espiritualmente. Isto fica perceptível quando o narrador, ao encontrar Fabíola após esse acontecimento, evidenciava que ela estava “maravilhosamente transformada”, pois havia se tornado freira, e, por isso, tinha se “regenerado”, sentindo-se agora “tranquila e feliz!”. Assim, fica perceptível a intenção de Nunes em primar esses valores religiosos, característicos em seu discurso, como componentes importantes para a formação de uma mocidade picoense pautada nesses ideais.

A análise da coluna *Fabíola* permitiu-nos entender como o inspetor buscava criar um arquétipo de valor e comportamento para a sociedade picoense da década de 1950. A apresentação de várias condutas e normas sociais nesta prosa surgia como crítica a atitudes consideradas inadequadas para o sujeito humano. Desta maneira, deixava perceber que Alberto Nunes reproduzia as representações sociais que caracterizavam a família elitista e/ou urbana, presentes na sociedade picoense da década de 1950.

3.2 O fim da coluna *Meu Cantinho*

Com a publicação da coluna *Fabíola*, na 10ª edição de *Flâmula*, de 31 de agosto de 1952, findava a participação de Alberto Nunes no literário e noticioso estudantil. A sua coluna seria, posteriormente, substituída por outra, nomeada de *Fatos da Cidade*, onde o estudante Alfredo Albano, então Diretor do referido jornal, passaria a escrever sobre assuntos relacionados à cidade de Picos e ao Ginásio Estadual Picoense.

Alberto Nunes deixou de publicar para *Flâmula* quando resolveu pedir transferência para atuar como Coletor Federal em outra cidade, indo trabalhar em São Simão, São Paulo. A causa dessa transferência passa por um momento que ficou guardado na memória de vários sujeitos que vivenciaram a década de 1950 e estavam ligados direta ou indiretamente com o

¹⁴ Idem.

Ginásio de Picos, fato este conhecido como “enterro simbólico”, onde os alunos da referida instituição de ensino promoveram um ato em protesto ao inspetor, que, segundo relato de Olívia Rufino a Revista *Foco*, não havia assinado os diplomas dos alunos da 1ª turma.

Quando nasceu o Ginásio de Picos, a sua presença foi como um divisor de águas da Picos que existia naquele momento e da que começava a ser. Eu fiz parte da segunda turma do Ginásio. Naquele tempo, nós já fizemos um protesto na praça contra um fiscal de Educação que não quis assinar nossos diplomas. Aliás, os nossos não, que éramos da segunda turma, mas sim os dos alunos da primeira. Nós fizemos o enterro do homem, acendemos velas na porta da sua casa, ele trancou as portas, ficou assombrado. Colocamos um pedaço de pau dentro do caixão, colocamos flores e transportamos esse caixão pela rua inteira, não era nem grande a cidade. Levamos pro coreto da praça, fizemos discursos, choramos, as viúvas, enfim, foi um estardalhaço.¹⁵

A representação tida sobre Alberto Nunes pelo relato da ex-estudante Olívia Rufino, apresentava o inspetor como um indivíduo de má índole, que ia contra os preceitos por ele apresentados na coluna *Meu Cantinho*, de *Flâmula*. A sua negação em não assinar os diplomas impedia que os estudantes pudessem continuar o seu caminho da instrução, objetivo principal dos articulistas do jornal e de Nunes, como colaborador do referido periódico.

A versão de seu filho, Douglas Nunes, apresenta outro motivo para a não assinatura dos boletins de aprovação dos alunos pelo o inspetor do Ginásio.

Como inspetor de ensino, ele tinha a função de assinar os boletins dos alunos, num é, que mereciam aprovação, que mereciam aprovação ele assinava. Os que não mereciam aprovação ele num assinava. Por quê? Porque as notas estavam ali no boletim e o nome também de cada aluno, o nome e as notas. Ele assinava, devolvia o boletim e aquele aluno recebia aprovação. Ele começou a receber boletins em branco. O diretor mandava. Ele até assinou alguns, porque confiava nos diretores, num é verdade. Mas ele começou a ver, a enxergar que muitos alunos não mereciam aprovação, e no entanto a assinatura dele estava lá. Ele prontamente se negou a assinar os boletins, e é injusto, em todo lugar, em todo o canto, até hoje, todo lugar, é injusto um aluno que não merece, ser aprovado, tomando o lugar de outro que merecia, talvez né. Isso acarretou-lhe sérios transtornos... quando fez a reunião e tal, num é.. até que os diretores todos do colégio e os alunos promoveram essa revolta, muito radical, no meu ponto de vista, praquela tempo, de fazer o enterro simbólico de meu pai, de Alberto de Deus Nunes.¹⁶

Segundo Douglas Nunes, Alberto Nunes se recusou a assinar os boletins de aprovação dos alunos, que não possuíam nenhuma informação, por achar que estava sendo enganado

¹⁵ A maior das revoluções. *Revista Foco*: 111 anos: Picos, nossa história. Edição comemorativa. Picos (PI), 2001, p.40.

¹⁶ NUNES, Douglas Moura. *Entrevista concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida*. Picos (PI). 17 mar.2013.

pelo diretor do Ginásio. Ao assinar um boletim em branco, o inspetor achava que estaria aprovando um aluno que talvez não merecesse ser aprovado. Se ele assinasse, esta ação feriria o seu código de conduta, pois este prestava por uma ação digna e honesta em seu trabalho, ou seja, afetaria a sua imagem de trabalhador responsável, que cumpria seriamente o seu ofício. Desta maneira, o inspetor só assinaria os boletins que contivessem as informações necessárias e que confirmassem a aprovação do aluno no referido ano letivo.

A não assinatura dos referidos boletins acarretou-lhe sérios problemas para a sua imagem como cidadão. Assim, sentindo-se amargurado, resolveu sair da cidade, pedindo transferência para trabalhar em São Simão-SP. Desta forma, a falta de entendimento ocorrido entre a direção, alunos e inspetor ocasionou na saída deste cronista do literário e noticioso estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento do jornal *Flâmula* ocorreu em uma época em que o afloramento das questões educacionais estava em efervescência na cidade de Picos na década de 1950. A criação do Ginásio Estadual Picoense foi a materialização de um desejo social que há muito era ambicionado por sua população, pois viria proporcionar àquela mocidade a continuidade de seus estudos, antes somente privilégio de indivíduos de famílias mais abastardas que tinham condições de fazer viagem para outros centros de ensino com vistas, assim, a continuar o seu desenvolvimento educacional.

Criado em um período de divergências políticas, o Ginásio Estadual Picoense se propõe a suprir essa lacuna no ensino picoense, mas que, em seus primeiros anos, não oferecia oportunidade a toda mocidade de Picos em usufruir dos benefícios que esta instituição poderia lhes proporcionar, segregando os seus integrantes através do exame de admissão. Com a criação do Grêmio Literário Da Costa e Silva e a partir da ideia de Ozildo Albano, *Flâmula* surge com o objetivo de propagar um ideal de educação e valores sociais para a sociedade picoense, principalmente a mocidade estudantil, com vistas a contribuir para a formação de um arquétipo de desenvolvimento educacional pautado em valores morais e patrióticos.

As práticas discursivas apresentadas por seus articuladores buscavam representar a sociedade a partir dos valores humanísticos provenientes do ensino secundário. A moral, os bons costumes, os valores sociais, religiosos e patrióticos estavam, então, presentes no discurso de *Flâmula*, que criava, desta maneira, um padrão de comportamento para a mocidade estudantil picoense e para os sujeitos que estavam relacionados direta ou indiretamente com o jornal. Como *Flâmula* era proveniente de um órgão estudantil, a instrução era objeto de incentivo para a transformação social. Assim, a sua representação estava modelada em um ideal de formação intelectual para a juventude discente picoense, pois, dessa forma, esta conseguiria ter sucesso profissional no futuro, além de contribuir para a concepção de uma atitude culta, característica de nações civilizadas e modernas.

O jornal *Flâmula*, além do ideal de educação, buscou produzir representações sobre diversas outras temáticas, normalmente associadas à realidade material dos picoenses. Desta maneira, discursos sobre o trabalho, a religião, a mulher, a política entre outras, eram existentes na prática de escrita dos articulistas do periódico, que buscavam criar um padrão de valor e comportamento sobre o agir social dos cidadãos da cidade de Picos daquele período. Dessa forma, a apropriação dessas representações pelos leitores do jornal estava incorporada pelas ideologias dos cronistas, que, mais que moldar padrões de conduta, reproduziam valores

pertencentes à família tradicional cristã, normalmente associadas à elite urbana, isto é, contribuía para a manutenção dos segmentos sociais então existentes.

Assim, o literário e noticioso estudantil, *Flâmula*, apesar de representar um ideal de mudanças e elevação aos valores educacionais, sociais e patrióticos, contribuindo para um crescimento do capital intelectual na sociedade picoense, concorria, através de suas práticas discursivas, para a normatização dos padrões de comportamento e mentalidade dos cidadãos de Picos da década de 1950.

REFERÊNCIAS

a) Livros e Capítulos de Livros

BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. Educ. Rev. Belo Horizonte (10)3-15, dez. 1989. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n10/n10a03.pdf>>. Acesso em: 15 mar.2013.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos 50*. 2 ed. Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

MARIANI, Bethania. A eficácia da imprensa sobre o político. In: _____. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. *Contra a foice e o Martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal "O Dia"*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 21.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. A organização do ensino e o contexto sócio-político após 1930. In: _____. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-154.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia: com um estudo da obra de Durkheim pelo Prof. Paul Fouconnet*. Trad. Prof. Lourenço Filho. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

b) Dissertações e Capítulos de Dissertações

BONATO, Belady. As reformas de Capanema: dos anos 1930 ao Estado Novo. In: _____. *O Colégio Notre Dame e as adaptações à política educacional (1937-1942)*. 2010. 81f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2010, p. 32-55.

LOBATO, Sidney da Silva. Educação e divisão social do trabalho (1947-1953). In: _____. *Educação na fronteira da modernização: a política educacional no Amapá (1944-1956)*. 2009. 157f. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP. São Paulo, 2009, p. 88-118.

MASCARENHAS, Fábio Nadson Bezerra. *Inovadores Parnaibanos: a produção do jornal inovação em Parnaíba de 1977 a 1982*. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), UFPI. Teresina. 2009.

PEREIRA, Luciana de Lima. Família, retrato de Deus na terra: a construção da ordem social da Igreja. In: _____. *A Igreja Católica em "tempos mundanos": a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960)*. 2008. 242f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008, p. 157-231.

SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2005.

c) Fontes orais

DUARTE, Maria Aldery Leopoldo Albano. *Entrevista* concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida. Picos (PI), em 15 jan.2013.

NUNES, Douglas Moura. *Entrevista* concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida. Picos (PI). 17 mar.2013.

ROCHA, Dagoberto de Araújo. *Entrevista* concedida ao pesquisador Eduardo Henrique Barbosa de Almeida em 12 de agosto de 2012.

d) Sites

FERNANDES, Dinavan. *José Vidal de Freitas*. 2010. Disponível em: < <http://www.tjpi.jus.br/site/modules/htmlcontent/Page.desembargador.mtw?id=128>>. Acesso em 27 set.2012.

POLÓNIO, Artur. *Existencialismo*. Revista *O canto da Filosofia*. Jul.2004. Disponível em: < <http://ocanto.esenvisau.net/apoio/existencialismo.htm>>. Acesso em 25 fev.2013.

e) Decretos

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de Abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Disponível em: < <http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>>. Acesso em 21 jan.2013.

f) Fontes e fontes hemerográficas

A maior das revoluções. *Revista Foco*: 111 anos: Picos, nossa história. Edição comemorativa. Picos (PI), 2001, p.40.

ALBANO, Alfredo. Os retirantes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.3, 12 abr.1952, p.1.

CAMPOS, Lourenço. Mulher moderna. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.11, 21 set.1952, p.4.

_____. Mulher moderna. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.12, 19 out.1952, p.3.

COELHO, Otilio Neiva. Recado do Recife: êxodo rural. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.3, 12 abr.1952, p.2.

Comissão de Abastecimento do Nordeste. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.5, 10 mai.1952, p.1.

Crescimento Demográfico. *Revista Foco*: Edição Comemorativa: 111 anos Picos, nossa história. Picos (PI), 2001, p.8.

DEUSDARÁ, Geraldo P. A honra. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.7, 7 jun.1952, p.1.

Folha Circulista. Picos (PI), 29 mar.1953, Ano 1. Nº 2, p.2.

História: Alberto Nunes - poeta atrás de reconhecimento. *Revista Foco*: Perfis. Picos (PI), 2006, p.36-37.

Imprensa Estudantil. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

Jornal Flâmula, 1952-1953.

Justa inversão de valores. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.5, 10 mai.1952, p.1.

LEITE, Acilino. Presente versus passado. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.1.

LIBÓRIO, J. de Sousa. Injustiça reparada. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.12, 19 out.1952, p.1.

_____. O divórcio e a consciência católica brasileira. *Flâmula*, Picos (PI). Ano II, n.14, 18 jan.1953, p.1.

_____. Problema que continua insolúvel. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.7, 7 jun.1952, p.1.

_____. Na conquista de um ideal. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.1.

MACÊDO, José Albano de. Lutando por um ideal. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.4.

Magistério e Sacerdócio. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.3, 12 abr.1952, p.1.

MARQUES, Antônio. Sartre e o Existencialismo. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.3.

MOURA, José Bezerra de. *Flâmula*, Picos (PI), Ano I, n.7, 7 jun.1952. Como nos receberam , p.4.

NUNES, Alberto. Meu Cantinho: Fabíola. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.10, 31 ago.1952, p.4.

_____. Meu Cantinho: Frutos do Ginásio. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.9, 03 ago.1952, p.2.

_____. Meu Cantinho: Novos Horizontes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.3.

_____. Meu Cantinho: O dedo de Deus. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.8, 19 jul.1952, p.2.

_____. Meu Cantinho: O dia do trabalho. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.6, 24 mai.1952, p.2.

_____. Meu Cantinho: Sursum Corda. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.5, 10 mai.1952, p.3.

O ensino nacional. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.6, 24 mai.1952, p.1.

Ordem e Liberdade. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.2, 29 mar.1952, p.1.

PDL. Falta que não faz falta. *Folha Circulista*. Picos (PI), 29 mar.1953, Ano 1. Nº 2, p.2.

Rainha dos Estudantes. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.1.

RIBEIRO, José Gregório. Fungos. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.4-3.

ROCHA, Francisco. O dever de estudar. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.4, 26 abr.1952, p.1.

SANTOS, Edilson Portela. A nossa formação intelectual. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.1, 15 mar.1952, p.2.

SILVA, Pierre. Os ginásios no interior do Brasil. *Flâmula*, Picos (PI). Ano I, n.9, 3 ago.1952, p.1.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: O jornal Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950.

Pesquisador responsável: Eduardo Henrique Barbosa de Almeida

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/CSHNB

Telefone para contato: (89) 9925-2504

Local da coleta de dados: in loco

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: *História do Ginásio Estadual Picoense e Jornal Flâmula*

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam sua história de vida e a experiência teatral.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data: _____, ____/____/_____

Assinatura

Nº de Identidade

Pesquisador responsável